

Entrada - 26-9-925 - Nesta

Revista do Centro Catharinense de Letras

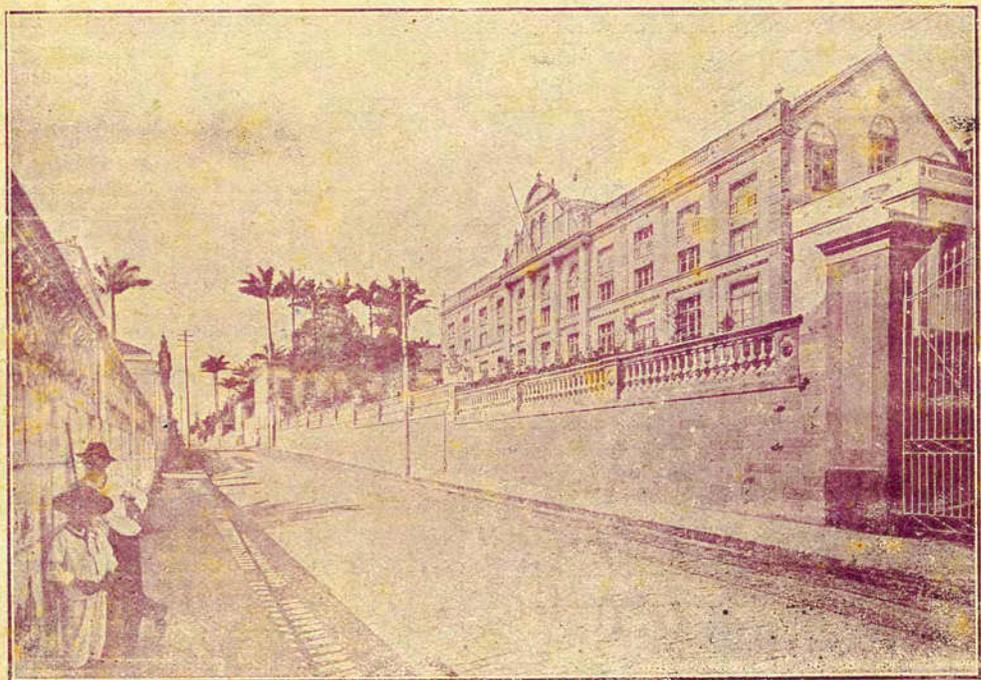
PUBLICAÇÃO MENSAL



ANNO I

FLORIANOPOLIS, SETEMBRO DE 1925.

NUMERO 3



EDIFICIO PRINCIPAL DO GYMNASIO CATHARINENSE, CENTRO DE ESTUDO E DE FE', ONDE VARIAS GERAÇÕES DE JOVENS TÊM ILLUSTRADO O ESPIRITO E APRIMORADO O CHARACTER.

Typ. da Escola Artifices



Revista do Centro Catharinense de Letras

Resignatura annual, 7\$



Numero avulso, 600 rs.

DIRECTOR

Amphilochio de Carvalho Gonçalves

REVISTA MENSAL

REDACTORES

Prof. Barreiros Filho, dr. Oscar Ramos,
e Prof. Maura de S. Pereira.

7 de Setembro

São decorridos cento e tres annos que a nossa Patria, quebrando os elos que, durante mais de tres seculos, a ligaram a Portugal, surgiu triumphante entre as nações livres.

Os Estados Unidos, graças á bravura e habilidade politica de Washington, desde muito formavam um paiz autonómo; Bolivar, á frente de um pugillo de heroes, conseguira a liberdade da Colombia, Venezuela, Equador, Perú e Bolivia; os chilenos e argentinos, tendo como chefe San Martin, haviam sacudido o dominio hespanhol.

Á vista d'esse santo movimento de patriotismo que irrompia no continente americano, não podia o Brasil continuar de baixo do jugo da gloriosa Lusitania.

A 7 de Setembro de 1822 realizou-se, finalmente, o sonho que custara a vida de Felipe dos Santos, Tiradentes e de tantos outros martyres.

«Independencia ou Morte!»-e o echo d'essas palavras inesqueciveis de Pedro 1º, atravessando verdejantes campinas, montes alcantilados e a amplidão dos mares, foi anunciar ao mundo que, na America, havia mais um povo livre e forte.

Desde então, Deus tem sido prodigo em dons e glorias para a nossa Patria.

O clima saluberrimo d'este paraizo, como o consideram muitos estrangeiros illustres, tem attraído os europeus, que, pressurosos, vêm cultivar as nossas fertilissimas terras, fundando nellas colonias, que, rapidamente, se transformam em florescentes villas e bellas cidades.

As vias ferreas, que têm merecido especial attenção de alguns governos, cortando os sertões brasileiros, intensificam a lavoura, facilitando a exportação dos nossos productos e mostrando, assim, aos estrangeiros o nosso progresso material.

A instrucção, perfeitamente difundida em alguns Estados e olhada com carinho

pelos demais, prepara os homens com que a Patria contará no futuro; as sciencias, as letras e as artes encontram nos brasileiros dedicados cultores.

Em varias exposições internacionaes, tornámos patente o valor do Brasil na agricultura, artes e industrias; em diversos congressos ficou demonstrada a sua grandeza intellectual.

O consideravel desenvolvimento do Brasil fez com que illustres estadistas e notaveis escriptores estrangeiros viessem visitar a capital da Republica, que, graças á energia e patriotismo de Rodrigues Alves, Lauro Müller e Pereira Passos, se transformou em uma cidade moderna, com bellissimas avenidas e sumptuosos palacios, constituindo, assim, motivo de justo orgulho para os filhos da terra bemdita do Cruzeiro do Sul.

Não invejamos as glorias de qualquer outra nação, pois, tanto na guerra como na paz, o Brasil tem conquistado louros immarcesciveis.

Riachuelo, Humaytá, Avahy, Tuyuty, Lomas Valentinas, Itororó, são paginas brilhantes da historia d'esta grande Patria.

Caxias, Osorio, Porto Alegre, Machado e tantos outros denodados do exercito, Barroso, Tamandaré, Alvim, destemidos lobos do mar, na guerra contra Lopes, são nomes que o Brasil glorifica e a posteridade não esquece.

Folheando as paginas da historia civil, encontraremos, como na historia militar, vultos dignos da admiração e do reconhecimento do povo.

Pedro 2º, o neto de Marco Aurelio,—como o chamou Victor Hugo,—o magnanimo monarcha que, durante meio seculo, governou, com sabedoria e justiça, a nação; José Bonifacio, o patriarcha da independencia, Bartholomeu de Gusmão, Rio Branco, Carlos Gomes, Victor Meirelles, Oswaldo Cruz, Ruy Barbosa e numerosos outros filhos da patria de Annita Garibaldi souberam elevar o nome do Brasil e tiveram a ventura de ver seus nomes glorificados nos paizes mais cultos.

No presente, orgulha-se o Brasil de possuir homens de reconhecido merito em todas as classes elevadas da sociedade—homens que zelam pelas nossas tradições de bravura, talento e patriotismo.

É muito justo, portanto, o entusiasmo com que o povo brasileiro festeja o 103º anniversario da independencia nacional.

Esqueçam todos os brasileiros, no dia de hoje, as rivalidades politicas e os interesses inconfessaveis, expulsem de seus corações os sentimentos de odio e vingança,—que não podem ter guarida entre os filhos do paiz onde nasceu e viveu a personificação mais perfeita da Bondade—D Pedro 2º—e, com os olhos elevados aos Cêos, implorem ao Rei do Universo paz e prosperidade para a nossa grande Patria, para o nosso amado Brasil.



Ruth Magalhaens,

applaudida declamadora, visita o Centro Catharinense de Letras, onde delicia a numerosa e selecta assistencia com versos de Cruz e Souza e Araujo Figueredo.

Zelia Moellmann,

finissima «disease» catharinense, arrebatada o auditorio com a «Vingança» de Fagundes Varella.

A noite de 25 de agosto passado ficará no coração e na memoria da nossa sociedade, como uma conquista a mais do Centro Catharinense de Letras.

A senhorita Ruth Magalhães deu nos a honra de comparecer pessoalmente à séde do nosso gremio literario, onde a distincta poetisa Acy Coelho lhe fez, em nome de todos os membros, a saudação de cumprimentos e agradecimentos.

A graciosa discipula de Angela Vargas em ligeiro e lindo discurso agradeceu a formosa oração de da. Acy, e disse em seguida o *Acrobata da dor* e *Os Sinos*, de Cruz e Souza e Araujo Figueredo, respectivamente. Foi applaudida com o calor de bastantissimas palmas da assembléa.

Levantou-se então Zelia Moellmann, e saudou-a vigorosamente, no seu timbre de voz crystal-velludo, em bello discurso, que vai adiante publicado. Zelia primou, porém, no recitar a *Vingança*, de Fagundes Varella. Só os cegos de malicia, peores que os de nascença, poderiam não vêr ali a revelação inconfundível de uma artista, em que só notamos um defeito: ser catharinense. Grande defeito! Esse labéu há de acompanhá-la por toda a vida...

Entre nós ha uns quatro ou cinco doutores em declamação. Um delles já mostrou como sabe o assumpto em uma pagina de annuncios.

Outros virão, igualmente sabios, para eructar ventos declamatorios em que são versadissimos.

Fallam até em *escolas de declamação*... E que entono, ao dizerem isso!

Quaes são ellas? Porque não citam as varias *esco-*

las, que conhecem como bons peritos, mas que não denominam como maus padrinhos?

A'cêrca de Ruth Magalhães, só podemos externar a nossa mais sincera admiração pela segurança com que diz, em adoravel simplicidade, os bellos versos do seu repertorio. E' uma figura de fino e subtil relevo, que cada vez mais se imporá aos criticos de arte.

Em Zelia Moellmann depositamos as nossas esperanças.

E' menina, e estudará. Já deslumbra. Há de ser um dia glorificada, como de sobejo o merece quem sozinha, sem mestres, faz o que ninguem, aqui, ainda conseguiu na difficillima arte-de-dizer.

Eis o seu discurso:

Já vos saudou uma doce alma lyrica de poetisa. Aqui e agora ouvistes a voz de Acy Coelho, a quem o *Centro Catharinense de Letras* confiou a traducção dos seus sentimentos de apreço ao vosso talento de declamadôra, e á vossa mestria de interprete dos grandes poetas, ou melhor, dos grandes versos.

A mim, que entro a paluilhar, medrosa, esse mesmo artistico caminho vosso,—quize o *Centro* entregar uma commissão a que, sinto dizê-lo! não sei dar desempenho.

Quasi não me animo a declarar-vos aquillo que me pediram viesse fazer... Porque, senhorita Ruth, commetteram-me uma temeridade!

Imaginam todos que eu, assim nova, balbuciante, inexperta, vim ouvir-vos e aprender convosco.

E' acertam todos! Não vim a outra cousa, porquanto, realmente, por meu gosto, aqui me acho só para isso.

Mas, os meus conterraneos, com assento nesta casa de letras, ao receberem-vos, me impõem uma penitencia... uma confissão da minha inferioridade, tanto mais confissão quanto tenho o propósito de não reincidir!

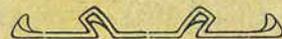
Imaginal, senhorita Ruth, que eu venho declamar perante vós! O peccado é meu, mas a culpa é delles, é dos membros do *Centro Catharinense de Letras*...

Não me presumo de artista. Sinto, porém, os versos, porque elles têm musica, e têm idéa, e têm emoção, que encontram afinidade e correspondencia na minha alma de moça. Ao dizê-los, sinto que vou como levada numa grande onda azul, que o ouro do sol touca de reflexos, de fios de seda, de esguios pingentes a cambiar todas as côres...

Quando os meus versos choram, eu choro com elles, eu brado com elles, eu gesticulo com elles!

Adoro a pompa; creio nos esplendores solares; sou filha do Brasil, onde a Natureza é côr forte, som estridente, luz ferina... A sobriedade, a moderação e a simplicidade artisticas têm o seu lugar. Mas a exuberancia de uma cachoeira marulhante, sempre me commoveu mais do que a serena corrente de um regato.

...Perdoai-me, pois, taes defeitos. E ouvi-me com a vossa melhor indulgencia.

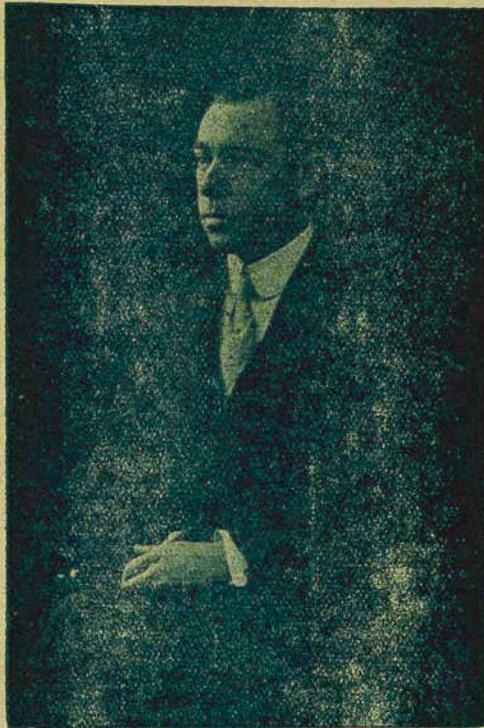


Dize-me quem admiras, dir-te-ei quem és.

SAINTE-BEUVE

Habituae-vos a obedecer para aprender a mandar.

RUY BARBOSA (*Oração aos moços*)



Dr. Nereu Ramos,

illustrado advogado conterraneo.

Talvez em tempo...

A Academia Catharinense de Letras é uma febril colmeia de intellectuaes.

Quem o ignora ?

Pois, a pesar dos seus trabalhos numerosos, e actividade sem precedentes nem consequentes em nossa terra — surgiu um malicioso anonymo do seio da multidão, e disse:—a Academia é chôcha de nascença, e anda peca, de mãos nos bolsos, a modo de quem perdeu a falla e o emprego...

E' evidentemente uma canalhice êsse e semelhantes dictos, em que matracoleja a má lingua dos falladores.

Contra taes picuinhas lavramos nós energico protesto, e inscrevemos aqui um voto de solidariedade aos nossos collegas— muito mais altos que nós — do laboriosissimo gremio academial.

Aliás não é de agora, de hoje, essa zombaria injusta.

Injusta, porque assume a fôrma «sorrateira» da indirecta, — ás vezes. Se não nos trãe a memoria, e a hermeneutica das entrelinhas, sempre aventureira e temeraria, há meses uma revista bulliu assim em cõusa como MEROS ALBUNS DE RETRATOS OU COLLECCÕES NOMISMATICAS PARA DELEITAR OS OLHOS DOS FORASTEIROS CURIOSOS.

São farpas sem enderêço ?

Lá o farpeador é que o sabe.

Nós, quando vemos allusões emboscadas e furtivas, dá-nos logo vontade de as comparar ás rodas dos automoveis em dias de chuvarada: por-

que vão correndo lestantemente, e lestantemente vão despedindo sujios pinços centrifugos contra todas as paredes e contra todas as caras.

Não obra assim o snr. Altino Flores. Escriptor e cavalheiro, quando joga o dardo, é pura Idade-Media a sua guapice. Entesa os musculos e diz: —E' contigo isto!

Assim, sim!

E por essa razão, a Academia lhe quer bem. E quer-lhe bem entre caídos de namorada terrissima, sem embargo de elle, a seu respeito, ter escripto no *Panal*, nº 5, outubro do anno passado, estas duras palavras: «E SIO INCIDENTE... E' O QUE EU PRESUMO POSSO GARANTIR-LHE QUE NÃO FOI TÃO MESQUINHO COMO DIZ. BASTA VER A QUE ESTADO REDUZIU ELLE A ACADEMIA!...»

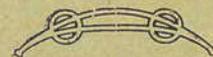
Franqueza contra franqueza, achamos que não está *reduzida* a Academia.

Verdade contra verdade, continuamos a suppor que foi *mesquinho* o incidente, e tão nada, tão sem effeito, que logo ao aceitoso conchego da Academia tornou o seu ex-arrufado Secretario Geral.

Solicitamos daqui ao conspicuo snr. Clementino Brito nos consiga um voto de louvor, lançado na acta da mais proxima «semanal», com que se nos pague este trabalho de abrir os olhos aos que, sem elegancia, nem justiça, nem equidade, desconheçam no cerrado bloco de literatos da *Praça 15 de Novembro*— o calor, a benemerencia dos trabalhos e o lustre diamantico da sua militantissima intellectualidade.

Barreiros Filho.

(Do C. C. de Letras)



Noite de chuva

(Para o Gustavo Neves)

A chuva no telhado bandurrilha,
Os relampahos cruzam-se no ar,
Emquanto a velha chama pela filha
Que cantaróla perto do tear.

Atraz da casa berra uma novilha
Assustadiça pelo trovejar.
A velha vendo o espaço que rebrilha
Balbucia uma, prece de vagar.

Depois accende as velas do oratório,
Com a mais sincera e fervorosa fé,
Deixando o quarto todo illuminado.

Um rapaz na cosinha em palanfrório,
Chuchureando um pires de café,
Diz: foi mais forte o temporal passado!

Fpolis, agosto de 1925

Porphirio Gonçalves



KYRIE, ELE'ISON!

A' Senhorita Izaura Veiga de Faria.

Vêde, Senhor, as lagrimas que chóra
A peccadora humilde, arrependida
Dos peccados fataes da insana vida,
Que neste instante o vosso amparo implóra!

" Senhor! Não tenho pae nem mãe! Agóra
A Tentação, a Magua, o Horror, vencida,
Vão-me deixar na lucta atroz, renhida,
Que hei-de travar pela existencia fóra!

Luctarei face a face com a Desdita,
Embóra a Tentação me acene e tente,
Tendo por elmo a vossa cruz bemdicta!

Que a luz do Amôr rebrilhe e resplandeça,
E a vossa cruz me ampare eternamente,
E nunca a crença em Vós em mim falleça!

28 — 8 — 25

Nicolau Nahas

(Do Centro C. de Letras)

Libertas Mulieris

Neste dia em que no coração nacional há a exultação fremente da Liberdade, ergo a minha voz, que é toda feita de esperança e sonho, dirigindo-a ás patricias minhas e falando-lhes um pouco da independencia que a parte feminina da humanidade precisa usufruir.

Não prégo a emancipação absoluta da mulher. Jamais figurou nas minhas aspirações feministas principio algum que fuja dos limites do possível. Combate merecem as correntes das que exaggeram, das que exigem demasiado.

Precisamos concordar em que incontaveis conquistas obtivemos apòs a Conflagração Européa, na qual nossas heroicas irmãs se distinguiram pela coragem, pelo patriotismo, pelo sacrificio.

Empolgou o mundo o exemplo de valor extraordinario que mostraram possuir as heroínas da guerra, e cresceu assim em todos os meios a influção da mulher.

E hoje se multiplicam as ligas feministas e femininas nas nações mais prosperas e civilizadas...

E as mulheres gosam direitos politicos, têm interferência nos negocios publicos, tratam cuidadosamente de dispensar protecção e carinho á mulher proletaria...

E "a mais casta e a mais sacrificada metade do gênero humano" desperta da somnolencia millenária, soerguendo-se com intelligencia e nobreza, contrariando da mais eloquente fórma o conceito iniquo de inferioridade intellectual que lhe atiraram á face Schopenhauer e a cohorte numerosa e injusta formada por representantes do sexo opposto (o homem sempre nos temeu a emulação...)

E a mulher em todo o mundo se agita na febre do trabalho mais intenso, querendo sómente cumprir fiel e dignamente o destino que lhe deu o Creador: o de ser a companheira do homem, amorosa e infatigavel.

No Brasil há tambem um grande movimento em prol dos magnos interesses nossos. A independencia pelo trabalho já nos está sendo assegurada. Não temos agora ingresso nas casas de ensino superior? Não se nos abrem as repartições publicas, mau grado o escândalo que tal *fugida do lar* causa aos espiritos estacionários, impenitentes tradicionalistas?

Mas convenhamos: No commercio, no magistério, nas fábricas, não é verdade que a mulher obtem remuneração material inferior á que recebe o homem? Não é verdade que as leis sociaes, estabelecidas e elaboradas pelos homens, exigem muito da mulher (cumpril-as com orgulho, expontaneamente, é o nosso dever) enquanto concedem ao homem a maior e mais ampla liberdade?

E as leis do paiz, ás quaes a mulher se **tem** que submeter, quem as faz?

E no lar? Existe por acaso reciprocidade nos deveres conjugaes?

Observa-se ou não, pelo menos aqui no Brazil, o triste retrocesso criado pelo facto de, na pratica, terem os homens sobre as mulheres direitos de vida e de morte? E os assassinos de mulheres não são, invariavelmente, absolvidos?

Será que nos não ferem e nos não magoam tantas e tamanhas injustiças?

Penso, pois, que forçoso é sejam incansaveis nossos esforços no sentido de um dia, unidos ho-

mens' e mulheres na solidariedade mais affectuosa e cordial, terem ambos deveres, mas tambem ambos terem direitos.

Encorajo-me então e digo que, considerando muitas vezes os empecilhos que estorvam a marcha natural das actividades femininas, em busca dos direitos igualitários dos sexos, acho-os, infelizmente, representados por innúmeros defeitos nossos.

Os trajes immoraes que estão sendo preferidos pelas mulheres, encontrando guarida em toda a parte, constituem nota evidente em nosso desfavor... Abusos e excessos de *maquillage*, tornando-nos más-caras... Mais preocupação com o luxo que com a instrucção... Mais egoismo que altruismo...

E o obstáculo maximo, a meu ver: o de as mães não desviarem as filhas do abysmo das frivolidades e apoiarem a superioridade dos filhos. Verdade amarga! E' que não triumpharemos sem que, no recesso dos lares, as que têm as frentes aureoladas com a corôa augusta da maternidade ceitem nobremente a verdadeira campanha feminista, que deve ser feminina antes de tudo.

Dos nossos arraiaes, patricias minhas, urge que desapareçam estes grandes e sérios defeitos.

Emancipemo-nos dellés, buscando a felicidade nossa e a de nossos irmãos.

Seou, no Brazil, para a mulher, a hora que proclama a Liberdade, mas a Liberdade que nos offerece a comprehensão do nosso valor, do nosso dever, do nosso direito, e que nos ergue do atrazo que nos prostrou durante séculos e das vidas consagradas exclusivamente a futilidades mil, para a reivindicacão dos ideaes mais sãos e mais nobres, pelos quaes sempre devemos propugnar.

Independer da ignorância, da injustiça, do egoismo—deve ser a suprema divisa do nosso sonho, contemplando o porvir. Libertas!

Maura de Senna Pereira



As Creanças.

Para esses tenros, santos arrebentos,
Devemos sempre ter clemencia e amor,
Pois são auroras que nos dão fulgor
Contra os mais turvós, negros desalentos.

São elles puros, mansos elementos,
Junto dos quaes não póde haver rancor,
Sejam quaes fôrem as razões de dor,
Quaesquer que sejam os crueis momentos.

Homens tibios que maldizeis a sorte,
Se acaso falta um bem que vos conforte,
Ide buscá-lo dentre esses anjinhos;

Pois que só elles podem dar bonanças
Na tempestade das desesperanças
Dos que, proscriptos, vagam sem carinhos.

João Rosa Junior

João Rosa Junior é cego, compadecido leitor. Velho musico do Exercito, hoje aposentado, dedilha versos. E' como se houvesse trasladado as notas, o compasso e as symphonias da sua antiga profissão para o lyric e instrumentado idioma em que temos a ven' ura de nos entender e exprimir.

Com elle o destino adverso ainda teve um gesto de misericordia: apagou-lhe os olhos, mas accendeu-lhe o estro... So-negou-lhe a luz, outorgando-lhe o som... Já é alguma compensação num mundo em que há tanto sol e tão pouca harmonia...

A Sociedade Aurora das Folhagens

Foi o cocheiro do coronel Juvencio Terra quem teve a lembrança da sua fundação.

Era justo. Todo o mundo se divertia, como era que o pessoal do trabalho não havia de ter o seu club?

A cidadezinha já não era tão pequena e não estava corrompida ao ponto de que a classe laboriosa e pobre tivesse perdido o gosto pelas diversões honestas.

Havia tanta mocinha decente, criadas de servir, lavadeiras, engommadeiras e tanto rapaz recto, sem vícios, officiaes de carpinteiros, de pedreiros, cocheiros, carroceiros, de todas as profissões, que não deshonram ninguem, apesar da sua humildade...

E qual a compensação que havia áquella insana lida diaria? Nenhuma.

Quando muito, á noite, seus namoricos ás portas, meia hora de derriço, ás escapadellas, as namoradas com um ouvido para o namorado e outro lá para dentro, attento na patrôa, que podia chamar, de um momento a outro.

Se se encontravam na praça, aos domingos, havia sempre um bébé pelo meio, unico pretexto com o qual as pobres criadinhas iam gozar um pouquinho de musica e ter algum encontro feliz.

Feliz! Nem siquer naquelles momentos havia felicidade completa para os pobres namorados.

Se nem podiam conversar á vontade.

Um pobre rapaz enfandangava-se, calça branca engommada, botinas pretas brilhando de pasta, collarinho alvo, chapéu palheta e sahia para a praça, todo catita, á espera do anjo dos seus sonhos.

E ella surgia. Era uma mulatinha faceira, toda na estica, muito enfeitada.

Mas vinha á frente uma parrelhinha de garotos, a Fifi e o Dódó, dois diabinhos com figura de gente.

Muito esquerdo, todo acanhado, o galã ia chegando.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

— A senhora coo como paaassa?

— Bem, obrigada. E o senhor?

— Eu beeem, muito obrigado.

Pausa.

— A senhora vem vê a retreta?

— Vim trazê as criança.

— A retreta s'tá bonita.

— É, tem munta gente...

Era penosa a chegada ao capitulo amoristico. Quanto rodeio, quanta volta, trabalho para encontrar uma phrase que lá levasse, afinal, o apaixonado!

Mas chegavam. finalmente.

E, no melhor da festa, quando já havia sorrisinhos brejeiros, quando a criadinha já se derretia toda em meneios dengosos, acordava subitamente do seu sonho, em sobreseltos, aos gritos:

— Fifi! Vem cá, menina! Mas que criança danada! Ooo... menina, credo!

E adeus idyllio.

Não, aquillo era preciso acabar.

E foi então que o Marciano lembrou-se de fundar um club. Seria um club modesto, club dos

«trabaiadô». Não se admittia gente *grauda*, — era só dos pobres.

Foi um successo.

O programma era bellissimo. Começariam por alugar um salão, barato, — não era preciso luxo. Cada socio pagaria uma mensalidade proporcional ao seu ordenado: quem ganhasse 100\$000 pagaria 1\$500; quem ganhasse 30\$000, 500 rs, porque 450 rs. era quebrado.

Haveria bailes, passeatas. Pouco a pouco, á medida que a sociedade progredisse, iriam pondo em pratica planos mais arrojados.

Assim, falava-se numa futura banda de musica, num theatrinho, em prestitos carnavalescos.

O que se ia fazer, em primeiro lugar, era alugar um salão.

E teve sorte o pessoal. É que, por ter a ideia partido do seu cocheiro e pela curiosidade de ver em que ia dar aquillo, o coronel Juvencio Terra cedeu-lhes uma casinha velha que tinha, casa de madeira, desalugada havia muito.

Foi novo alvoroço.

Fez-se immediatamente uma reunião para tratar do assumpto.

Marciano era um *bicho* para aquellas coizas. Foi elle quem primeiro tomou a palavra.

Patricios!

Era assim que um candidato politico tinha começado certa vez o seu discurso. Marciano gravava bem o introito na memoria.

— Patricios!... Mais do que nunca, no momento que atravessamos, a patria precisa de homens de *niciativa*!...

A phrase tambem era do politico, menos o *niciativa*.

O pessoal estava de bocca aberta.

Mas ficou naquella phrase. O resto tomou outro rumo, em brusca transição:

—... Eu mandei convidar voceis todos p'ra nós tratar de fazer um club...

Na verdade, quem fez o club foi elle. O resto da assistencia, como deputados sem ideias, limitou-se a aceitar sem discussões a sua proposta. Foi assim que o baptismo da sociedade, os seus fins, tudo passou, por unanimidade. Quando, entretanto, souberam que cada um pagaria 1 1/2 por cento do seu ordenado, houve alguma divergencia. E' que nem todos sabiam quanto era 1 1/2 por cento.

O Manoel da Iria, que ganhava só 25\$000, atrapalhou-se todo:

— Como é, Marciano? Tu diz que vae pagá mil e quinhento. E eu, então, vô pagá mais do que tu?

Fizeram-se contas. Houve uma verdadeira aula de arithmetica. Custavam a comprehender.

Na duvida, os consocios reclamavam:

— Mas não tá direito.

E só se ouvia, a cada momento:

— Não tá direito, não.

Estiveram vae não vae para virar a sessão em *frege*.

Mas acalmaram-se os animos. Estava fundada a Sociedade Aurora das Folhagens.

Tratou-se do primeiro baile.

A descripção do primeiro baile daria muitas columnas mas o espaço que me está destinado, na «Revista», não me permite que deixe correr a pena livremente.

Contendo-lhe os impetos, pois, tratarei de ser breve.

Do primeiro baile darei unicamente alguns apontamentos, assim como um rascunho apressado, pequenos lembretes.

Ahi vão elles:

Primeiro baile da Sociedade Aurora das Folhagens.

As cortinas do major Fructuoso.

Cadeiras de varias casas.

Total arrecadado em dinheiro, 24\$300.

A creada do seu Alexandre não poudo dar nada, — atrazos de ordenado.

Sia Serapiana, a engommadeira, tambem não deu nada, — comprou sapatos e não sobrou.

5\$000 de doces. Café não precisa, — chá de mate serve e é mais barato.

Banda de musica? Qual o quê! arranjou-se uma orchestra de violão.

3\$000 para cada um, menos o Chico do violão, que tocou de graça. Elle queria só um copo de vinho.

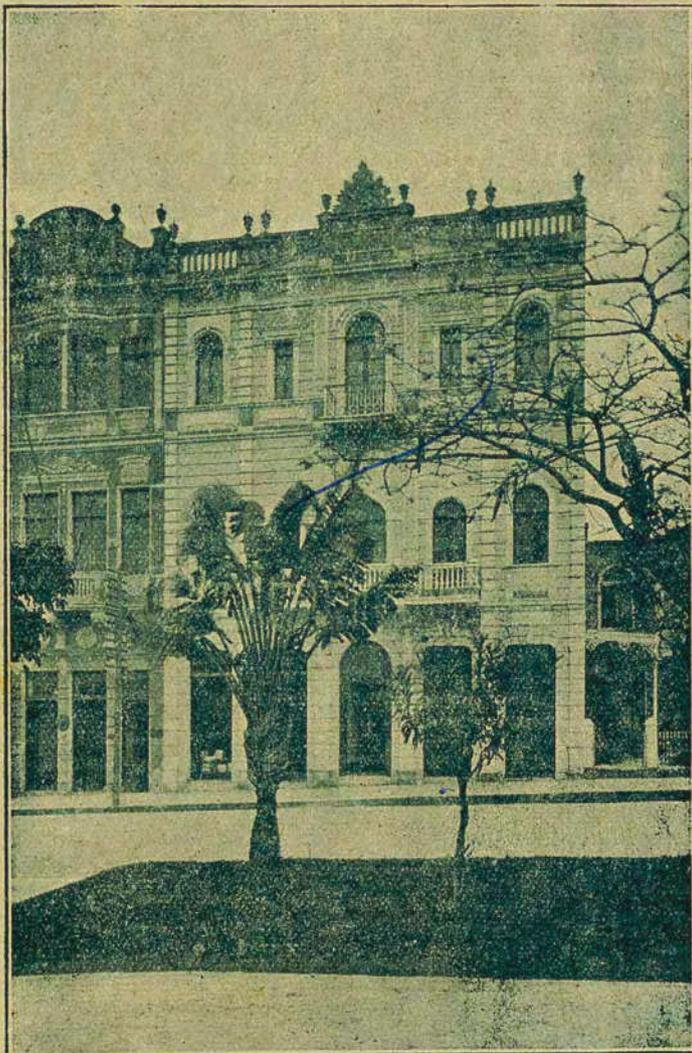
Puff! Que atmospherica carregada!

A borracheira do Chico da orchestra. Um frege com o Estansláu.

As patrões furiosas, no dia seguinte: — quanto feijão queimado, nas cosinhas!

Pedro Paulo

FLORIANOPOLIS



HOTEL MOURA

A mulher que pecca

Ao reparar, ontem, naquella mulher do povo que, amargamente, se desesperava pela morte de uma filhinha, comprehendí, no primeiro lance, que naquella alma dum corpo prostituido tambem vibrava o amor de mãe.

Certamente, e isto nos resalta logo á imaginação, meses antes aquella mulher, no desvairamento da voluptuosidade da desregrada vida, abandonara no alheiamente das ruas aquella pequenina innocente, que se amortalhára, para, na mais franca luxuria, entregar-se aos prazeres da embriaguês dum amor desregrado e peccaminoso.

Hoje, no entanto, comprehendendo, alfim, o nada deste mundo, vendo ir para Deus aquella pequenina alma de sua alma, comprehendendo e implora o perdão de suas culpas, compenetrada da vida que passa indigna e mais licenciosa de que a do mais baixo, do mais vil ente humano.

Não lhe depreciemos, entretanto, siquer, o fundo de sua alma.

Quem nos contestará ahi que aquella mulher, hoje atirada ao vicio, tenha sido, nos primeiros alibores de sua vida, a mais pura, a mais sublime creatura humana?

A' parte os seus vicios que lhe acorrentam hoje no abysmo da miséria, ella tem o amor de mãe, reconhece a sua missão na terra consequente a esse mistér, e, alquebrada, triste, deixa-se ficar junto ao cadaver de sua filhinha para chorar a sua morte.

E o mundo e a sociedade, sarcastica e desdenhosa, passam indifferentes á sua dôr, não lhe atiram, ao menos por piedade, um olhar de compaixão nem lhe estendem a mão amiga para soergue-la do abysmo da miseria, do roldão das calamidades.

E orgulha-se sem destemôr, de sua impiedade, a sociedade de hoje.

Antes, houvesse, nos dias de hoje, um pouco de piedade, de compaixão christã, para se levantar essas mulheres, arrendidas do seu erro, do lamaçal do vicio e da impiedade dos homens.

Cyrano de Mello.

NOITE CHUVOSA

Horas mortas; — a noite é d'invernada;
um aguaceiro cae de instante a instante:
dos lampeões a luz tremelicante
reflecte, aqui e allí, a agua empoçada.

De um vulto humano a sombra projectada
ora o segue, ora passa-lhe adiante;
agora o faz anão, depois gigante;
estampa-se nos muros nas calçadas.

A lufada do vento pelas beiras
e grimpa dos telhados, assoprando,
sacode e espalha os pingos das goteiras.

Na encharcada, erma rua, patinando
caminha o vulto, a esbafear asneiras
e a escorregar tambem, de quando em quando.

Dr. José Candido de Lacerda Coutinho

Evocação

Olha, porém os seus olhares são velados
 Como os longes nos quaes fulge, de leve o luar...
 Mas, mesmo assim, recórda os seus dias, passados
 Ora por sôbre a terra, ora por sôbre o mar.

Elle diz recordar os prazêres gosados
 Nas viagens em que andára a cantar, a cantar,
 Quer os ventos do sul erguessem fortes brados,
 Ou o navio se visse a corrêr num lagar.

E' que com elle andava, ao calôr das cantigas,
 A jura sempre fiel, das bellas raparigas
 Que lhe davam de sonho as ansias e os desejos.

Quando voltava á terra, (oh! felizes momentos!)
 Era para revêr todos os juramentos
 Dessas bôccas febris, saturadas de beijos.

Muitos sêres

Tranquillo, socegado, ei-lo a olhar a brancura
 Que aveluda, na tarde, o verde jásmineiro,
 E recorda-se então da mystica doçura
 De um sêio que lhe fôra o melhor companheiro.

E a sua alma que, outr'ora, era toda mormura
 De pennujento ninho, ou fremente brazeiro,
 (E agora fria está), ainda guarda a ventura
 De sentir, a evoca-la, um delicioso cheiro...

Ainda sente, feliz, da mulher feiticeira
 Que encontrára e beijára, alli mesmo, no prado,
 Do alto enlevo do amôr na bemdita lareira,

O cheiro dos jasmims do lindo sêio amado,
 Sobre cujo calôr seu peito adormecêra
 Muitos sêres, sem tê-lo, entanto, maculado.

Araujo Figuerêdo

(Do C. C. de Letras.)

Coisas que se podem resolver

II

4º—*Vergílio aspirava um melhor lugar—ou— a um melhor lugar?*

—*Aspirar*, segundo a lição dos mais sabedores mestres do vernáculo, usa-se como transitivo directo no sentido de *respirar, atrair o ar aos pulmões*, e assim diremos:

«*Nicoláu erguera-se, e saíra á saleta contigua aspirando haustos de ar, e baforando ruídosamente as expirações fumegantes.*» (Camilo, *O esqueleto*, capítulo III, páginas 28, 5ª edição).

«*Margarida vibrou vertiginosamente o teclado do piano, e levantou-se a aspirar o aroma de umas flores que adornavam o mármore da jardineira.*» (Id., *ibidem*, cap. XIV págs. 149).

«*Ricardo saltou oscilante do leito, e abriu as janelas do quarto, aspirando a tragos a viração da ante-manhã.*» (Id., *ibidem*, cap. XVIII, págs. 183).

«*Morrer: trevas sem consciência, sem esperança; eternas; fim—a palavra que nos assalta quando temos no colo um filho amado; o brado que nos sôa no dobrar plangente de um sino, quando aspiramos os perfumes duma campina...*» (Idem, *Quatro horas inocentes*, págs. 160, 3ª edição).

«*Era um galhardo moço de vinte e três anos, com rutilantes olhos, aspirando com sófregas delicias aquele ambiente acre de pólvora...*» (Idem, *A Bruxa do Monte Córdova*, cap. IX, págs. 72, 4ª edição).

«*Távora, eléctrico nos olhos, nos lábios e na imaginação, aspirava naquela atmosfera in-briante as partículas subtis de um éter que lhe vibrava espírito e corpo com estremecimentos vertiginoso-*

so, e cálidos de ansiedade.» (Idem, *Anátoma*, cap. XIII, págs. 126, 7ª edição).

«*...transforma-se, como a crisálida, em flor ino-cente, que eu e tu, amigo leitor, lhe apanhamos debaixo dos pés, e aspiramos sequiosos do seu perfume!*» (Idem, *ibidem*, cap. XVIII, págs. 228).

O provector professor mineiro dr. Carlos Góis, autor de uma dúzia de utilíssimos livros por que muito poderão aprender os que têm amor ao (r) estudo da nossa rica língua, o dr. Carlos Góis, diziamos, tratando da sintaxe do verbo *aspirar*, apresenta-nos um exemplo de Luís de Camões, em que o precitado verbo aparece como transitivo directo, no sentido de —*desejar, pretender*:

«*QUE TÃO ALTAS EMPRESAS ASPIRAVA.*» (*Sintaxe de Regência*, Lição VII, págs. 87, edição de 1924).

Não sabemos, porém, se terá razão o mestre, pois que, cotejando nós a edição que dos *Lusíadas* possuímos, encontrámos não a supracitada regência, mas sim o que se segue:

«*Veio ser cativo o santo irmão Fernando*
«*Que a tão altas empresas ASPIRAVA*»

(*Lusíadas*, canto IV, 52, ed. de 1849)

O que se nos depara em Camões é o emprêgo do verbo *aspirar* não no sentido de *respirar*, nem no de *desejar* ou *pretender*, senão noutro, talvez pouco conhecido, mas que se ajusta ao uso latino, como dizem os seguintes textos:

«*Aspirat primo fortuna labori.*»

(*Verg.*, *Encl.*, II, 385, ap. O. Mota).

(1) *Amor a-ou-amor de-a-* são as formas genuinamente portuguesas, em vez de *amor por*, que, segundo o sentir da maioria dos zeladores da pureza da nossa língua, tresanda a francesa. (Ruy Barbosa, *Réplica*, nº. 255, § 59, págs. 353-357, e págs. 501-502, edição da Imprensa Nacional, Rio, 1904; Carneiro Ribeiro, *Serões Gramaticais*, págs. 753, 3ª edição; Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, págs. 158, edição de 1918; Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, págs. 386, edição de 1911; Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 2ª. série, cap. XX, págs. 353, 2ª. edição, Rio, 1921, e *Revista de Filologia Portuguesa*, volume 3º, págs. 195, nºs. 8 e 9, setembro de 1924; José Rizzo, *Estudos da Língua Portuguesa*, cap. XII, págs. 93-104, edição de 1922; Júlio Nogueira, *O exame de portugueses*, págs. 125, 2ª. edição, Rio, 1922; Agostinho de Campos, *Antologia Portuguesa*, Eça de Queirós, vol. II, págs. LVIII, Porto, 1923).

Vejam alguns exemplos com que possamos testemunhar a razão do nosso asserto:

«*Venha alguém menos ocupado e mais douto do que eu sou, para que emende meus defeitos, os quais bem se podem recompensar com o zelo e amor que tenho à pátria.*» (João de Barros, *Décadas*, I, 15, ap. Rui Barbosa, *Réplica*).

«*... para se empregar sempre em a consideração e amor dos altíssimos.*» (D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, II, 60).

«*... Pelo que, fiéis portugueses, se o amor da pátria, se o amor do rei, se o amor das prendas, que todos tendes naquele exército...*» (A. Vieira, *Serões*, V, 246).

«*Assim como o Eterno Padre, para encarecer o amor que tinha aos homens.*» (Idem, *Serões Selectos*, 151).

«*Porém Elias que noutro tempo o comia tanto o zelo e o amor da pátria...*» (Id. *ibidem*, 294).

«*Ainda que o amor da vida lhe fez seus prastos no Horto.*» (*ibidem*, 308).

«*... e, inflamado do desejo de honra e fama imortal, e também do amor da república.*» (Manuel Bernardes, *Novo Floresta*, I, 423).

«*... é o amor que temos às criaturas e demasiada estimação e cubiça dos bens temporais...*» (*Ibidem*, II, 66).

«*... porque o fervor dos fiéis foi sempre declinando e o amor às coisas sensíveis tomando forças...*» (*Ibidem*, III, 309).

«*E quais são estas coisas do mundo passado, cuja perda tanto dói às Musas e à Virtude? são as formosuras e magnificências da Religião, o respeito aos finados, e a seus sepulcros, às lições de experiência, às obras dos homens, a veneração às cans, o quasi culto às mulheres, a benevolência e sociabilidade, o aferro aos usos e modas pátrias, o amor do estudo que nós dissipámos com as leituras efêmeras, e o amor do torrão natal, nobre e fecundíssimo sentimento, mas impossível onde se vive sem muita brandura e sem firme certeza de permanecer.*» (António Feliciano de Castilho, *A Primavera*, I, 26, 3ª. edição).

«*Quem bem reparar na justiça rigorosa (de cruel a taxarão alguns) com que eu próprio trato a minha Musa, perdoar-me-á quando por amor às nossas letras, aponto um defeito em meu mestre e amigo o sr. António Ribeiro dos Santos.*» (Id., *ibidem*, págs. 44, nota).

«*Perguntando a causa, não era religião, nem*

"Di, coeptis aspirate meis."

Ovídio, *Metamorfoses*, introd., ap. Mário Barreto

Escreveu, pois, Camões:

"Depois de aparelhados desta sorte

"De quanto tal viagem pede e manda,

"Aparelhámos a alma para a morte,

"Que sempre aos nauas ante os olhos anda.

"Para o sumo Poder, que a clérea côrte

"Sustenta só co'a vista veneranda,

"Implorámos favor que nos guiasse,

E que NOSSOS COMEÇOS ASPIRASSE.

(*Lusiadas*, canto IV, LXXXIV).

Parecendo-nos já bastante estirada a nossa palestra sobre este ponto, vamos terminá-la, dizendo que, neste último passo de Camões, *aspirar* está empregado, embora transitivamente, por *favorecer*, *ajudar*, *prosperar*, etc, e que, quanto à sua construção, no sentido de *desejar*, *pretender*, guiem-se os que quiserem empregá-lo com acerto no que lhes aqui apresentamos, que nada nos ficarão devendo:

"Podem *aspirar* à grandeza, mas não à majestade; ao título, mas não à coroa." (A. Vieira, *Sermões Selectos*).

"...jornal enfim de que eu fui colaborador, quando vivia para a Política, ainda que não da Polí-

filosofia, nem tédio natural, mas efeito de um enrentíssimo e entranhado *amor* que tinha aos bois, com quem se criara, com quem vivia, lavrava e dormia paredes meias." (Id., *ibidem*, II, 103)

"Neste exercício aprenderiam a ser observadores, vigilantes, serviais; tomariam com o gosto da propriedade o *amor do trabalho*, havendo-se já por algum modo como pais de famílias..." (Id. *ibidem*, III).

"Mas se o estilo nacional está na linguagem, é só no *respeito e amor dela* que se hão de formar os escritores e os artistas." (João Ribeiro, *Páginas de Estética*, 121).

"... não há outro enderêço mais que o do *amor e respeito* aos modelos eternos da linguagem." (Id., *ibidem*, 155, nota B.)

"Se o *amor* às nossas coisas ainda se não extinguiu de todo, dispam o *detalhe*, que é roupa alheia." (C. de Figueiredo, *Estrangeirismos*, I, 26, 3ª edição).
"Já é *amor* à roupa de franceses." (Idem, 27).

"Gonçalves Crespo notabilizava-se já por uma extraordinária delicadeza de sentimento artístico; e o seu entranhado *amor à plástica literária*, se me permitam a expressão, acrisolava-se já no estudo e imitação dos parnasianos Sully Prud'homme, François Coppée, Lecomte de Lisle, Paul Verlaine, Catulle Mendès, e ainda nas prosas adoráveis de Gauthier e Mery." (Idem, *Figuras Literárias*, págs. 57, ed. de 1906)

"Esta actividade literária; num país em que pouco se lê e nada se paga, só se explica por um temperamento, em que predomina o *amor às letras e à arte* em geral." (Idem, págs. 165).

"D. Hermenegilda e Hilário Afonso tiveram a fraqueza de fazer herdeira universal sua sobrinha, e de morrerem de *amor dos netos*" (Camilo, *Doze casamentos felizes*, págs. 90, 6ª edição).

"Daqui procedia o seu *afecto a Napoleão*, como filho bastardo da revolução francesa, e o seu *amor* à soledade dos seus pardieiros solarengos, afogados de serra." (Idem, *A filha do doutor Negro*, cap. I, págs. 17, 5ª edição).

"Dêste *amor* ao pai, eram mais que muito frequentes os reparos de Maria das Dores..." (Idem, *Estrêlas Funestas*, 1ª parte, cap. II, págs. 32, 5ª ed.)

"Gonçalo recalcoitrou no vicioso *amor* à artista, e D. Maria na explosão dos ciúmes..." (Idem, *ibidem*, cap. V, págs. 61).

"Expressamente o absolvem de *amor do dinheiro*." (Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, págs. 24).

"Não podia ser mais tocante para com ele o *amor* dos seus conterrâneos." (Id., *ibidem*, 312).

"S. Ex. tem consignado nos seus actos administrativos os testemunhos mais inequívocos do seu perseverante *amor da ordem*, bem como do seu *respeito* às pessoas e propriedades." (Id. *ibidem*, 311).

tica, e do qual perante minha consciência me recordo com pezar, mas se pejo, porque talvez fez males, e grandes males, não *aspirando* senão ao bem." (A. F. de Castilho, *A Primavera*, vol. II advertência, 3ª edição).

"A sua ambição saltava em zig-zag das distinções aristocráticas para a ilustração literária, daí para a popularidade; e tam depressa *aspirava* a ser conde ou rico-homem, bispo ou doutor, como a erguer-se em caudilho das turbas..." (Almeida Garret, *Arco de Sant'Ana*, vol. I, cap. V, págs. 39, ed. de 1904).

"Burguezes daquele bom tempo inocente, em que tendeiro nem especieiro não souhava ainda com os baronatos, os viscondados e as grãs-cruzes—nem com a mão ensebada de pesar manteiga *aspirava* a tomar a pasta de secretário..." (Id., *ibidem*, vol. II, cap. XXXII, págs. 223).

"Onde *aspira* á ironia. cá de roldão no insulto." (Rui Barbosa, *Réplica*, págs. 47, ed. da Imprensa Nacional).

"... e, negando-me a divina bondade um momento de tamalha ventura, não me negou senão o a *que* eu não devia ter tido a inconsciên-

"Porque o ódio ao mal é *amor do bem*, e a ira contra o mal, entusiasmo divino." (Idem, *Oração aos Moços*, págs. 18).

"Sei quanto vale o crítico e cato grande respeito à opinião de Mário Barreto, pelo que ouzo dizer de seu *amor* à língua, e de sua competência em tais assuntos." (P. A. Pinto, *Nugas e Rusgas de Linguagem Portuguesa*, págs. 146).

A documentação que aí fica, juntamos a seguinte lição:

"O melindroso reprochador do emprêgo da prep. *a* em vez de *de*, galicismo dos mais vulgares (navio, máquina, motor à vapor em lugar de *de* vapor) não é coêrente com os seus escrúpulos e temeres: censura galicismos, *engalicismando-se* por seu turno. No correr do seu artigo mais de uma vez nos fala do *amor pela lingua* em lugar de o *amor da lingua*, como devia dizer arrimando-se à prática mais genuína e autorizada. POR em nosso caso é expressão imprópria, porque a partícula *por* denota *em favor de*. A construção de *amor* com a prep. *por* está incursa em francesismo, ao parecer dos melhores praxistas em linguagem portuguesa. Exemplo antigo, se o há, de *amor por*, confessamos que inda nenhum temos arquivado em nosso caderno de anotações. Entre os modernos, sim, abundam sobremaneira os exemplos da preposição *por* em lugar de *a* ou *de*: *amor pela pátria, amor pela verdade, o seu amor por êle, meu amor por Carlos, seu amor pelo bem público, etc.*

No capítulo de galicismos todos pecamos. Nem os que mais se prezam de escrever bem logram sair imunes do tão extenso contágio francês que nos rodeia.

Não é só aos tradutores de folhetins que escapam galicismos: também eles escorrem das mais autorizadas penas. Camilo Castelo Branco, autor benemérito da nossa língua, verteu ao português com elegância e primor os *Mártires* do insigne Chateaubriand. Diz o original: "C'est là qu'il pourra satisfaire à la fois et son amour pour Cynodocée et sa haine contre les chrétiens." Camilo traduz, em legítima língua portuguesa:

"E' lá que êle pode satisfazer, a um tempo, o seu *amor a Cimódoze*, e seu *ódio aos cristãos*." Mas já nestoutra passagem do seu drama *Poésia ou Dinheiro*, 2ª edição, 1862, o escritor lusitano adormeceu como o cantor de Ulisses: "O seu *amor por* Heuriqueta é tão violento que não admira reflexões?"

O complemento que deve acompanhar o nome *amor* é com *de*, e admite dois sentidos opostos, que só a construção geral da frase pode decidir: ou é um genitivo subjectivo, que assim se diz o que denota qual é o autor, o sujeito da acção expressada pelo nome determinante (*o ódio do povo*, i. é o ódio que o povo tem; o bramido do furacão, *amor de pai* — o furacão brama, o pai ama); ou o genitivo é objectivo, i. é designa qual é o objecto da acção significada pelo nome determinante: o temor do castigo, o amor da vida — tememos o castigo, amamos a vida.

Assim o genitivo subjectivo, como o objectivo são algumas vezes ambifológicos: o temor do povo, por ex., pode significar

cia de *aspirar*." (Idem, *Oração aos Mãos*, págs. 11).

"Não *aspiro* a ser condessa, como tu me prometes: o que eu quero é o teu coração." (Camilo, *A filha do Dr. Negro*, cap. XV, págs. 155).

"Como sabes, aquele rapaz é da plebe e *aspirou* sempre a ser da fidalguia." (Id., *Scenas contemporâneas*, págs. 111, 4.^a ed.).

"Frei Diogo Cesar, já então provincial da província dos Algarves, por sobre as qualidades de nobilíssimo, tinha por si a reputação de douto, para, sem espanto, *aspirar* ás honras de comissário geral." (Id., *Luta de gigantes*, cap. I, págs. 42, 4.^a edição).

* * *

5^o—¿ O Presidente renunciou o cargo—ou—ao cargo?

*

—Em português, o verbo *renunciar* admite indiferentemente uma e outra construção, isto é, tanto se pode dizer que o presidente *renunciou o cargo*, como *ao cargo*.

Exemplifiquemos:

"Arrima o bastão, *renuncia* o império, despe a púrpura e tirando a coroa imperial da cabeça, pôs a coroa a tôdas as suas vitórias." (A. Vieira, *Sermões*, I).

"Um homem como vós, abastado, independen-

te... lançar-se no remoinho da guerra civil, *renunciar* ao sossêgo, á paz da sua casa, á felicidade tranquila que podia gozar com uma esposa querida! (Almeida Garret, *O Alfageme de Santarém*, acto terceiro, scena V, 61, vol. 32 da Colecção Lusitânia).

"Apareceram ordens numerosas de religiosas, primeiro só de homens, logo também de mulheres, que, *renunciando todos os carnaes deleites* para melhor apurarem os do espirito..." (A. F. de Castilho, *A Primavera*, vol. II, pág. 101).

"Era o escrito fruto de minha opinião; mas esta, como acontece, se roborou por êle, e até tal ponto se confirmou, que do que até ali não passara de poética teoria, instituí fazer prática minha em tôda a vida, *renunciando qualquer género de animal*." (Id., *ibid.*, págs. 105).

"Bem sei; mas uma senhora, que toma êste sério e melindroso estado, *renuncia* ás regalias frívolas e quiméricas de um baile..." (Camilo, *O esquelêto* cap. VI, pág. 63, 5.^a edição).

"Dizia-lhe o castelão de Aguiar que principiasse a sua reforma, *renunciando* ás abomináveis inteligências com a esposa de Nicoláu de Mesquita." (Id., *ibid.*, cap. XXI, págs. 217).

"No acto das parilhas, será autorizado a *renunciar* em meu nome *qualquer direito* questionável á doação da terça." (Idem, *Vulcões de lama*, conclusão, págs. 269, edição de 1886).

Exemplos correctos que oferecemos aos galiciparlas do nosso tempo:

"Sabei certo, meus irmãos, que tem Deus particular amor a esta nossa ordem e que se agrada muito do serviço que se lhe faz nela." (Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, part. I, liv. II, cap. 23). — "Cresceu o amor que el-Rei tinha a S. Frei Gil, com o que pouco depois lhe aconteceu com êle." (Id., *ibid.*, part. I, liv. II, cap. 23). — "Sendo morador em Cochim, pregava com muita continuação, e com um zelo ferventíssimo da salvação das almas." (Id., *ibid.*, parte I, liv. III, cap. 33). — "...nos quais assentos mostraram todavia os do governo o respeito e amor que tinham á Religião." (Id., *ibid.*, parte I, liv. IV, cap. 14). — "...e davam graças a Deus de verem em províncias bárbaras e tão remotas, tanto respeito e reverência ás coisas da Fé." (Id., *ibid.*, part. III, liv. IV, cap. 21). — "Imitemos o seu desprezo do mundo, o seu horror ao pecado, a sua humildade de coração." (M. Bernardes, *Sermões e Práticas*, vol. II, p. 316. — "...a funesta exaltação, que os lisonjeiros aplaudiam como virtude filha do zelo da propagação da fé." (Rebêlo da Silva, *Hist. de Port. nos séc. 14 e 18*, tom. I, págs. 39).

"... tudo o que sobrevivia ainda do robusto e heróico Portugal, criado na religião da honra e no horror ao senhorio estranho." (Id., *ibid.*, tom II, pág. 384). — "... começou a perder o gosto da vida, o amor ao trabalho." (Camilo, *Aventuras de Bastião Fernandes Envertado*; cap. XXI, p. 219). — "Lourenço Coutinho, como visse restaurar-se o amor ao estudo, o gosto das comédias, e o contente viver do filho, entendeu activamente no consórcio almejado e prometido de tão longe." (Id., *O Judeu*, vol. II, p. 79, ed. de 1886). — "Quem te deu o exemplo da ambição, filha? Em tua mãe tens visto o desprezo das riquezas. (Id., *As três irmãs*, 1.^a parte cap. V, pág. 63). — "A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios, encontrava-se no seu amor aos filhos." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. 123, p. 315). — "... tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror ás armas." (Id., *Histórias sem data*, pág. 214).

(MÁRIO BARRETO, *Factos da Língua Portuguesa*, capítulo I, páginas 22-26, edição de 1916)

o temor que o infunde ou o temor que o povo sente. A mesma ambigüidade no latim: *Melus hostium*, segundo os casos, conforme o contexto, se traduzirá por: "O temor que temos dos inimigos" (*metuimus hostes*), ou por: "O temor que os inimigos nos tem" (*hostes metuunt*). E, como êste, há outros exemplos em que o genitivo latino apresenta um duplo sentido, activo e passivo: *amor Dei* pode ser o amor de Deus para com os homens ou então dos homens para com Deus; *injuria consulis*—a injustiça ou *felix* ou *sofrida* pelo côsul; *odium mulierum*—ódio próprio das mulheres ou ódio ás mulheres.

Cessa a ambigüidade se substituir-mos o de objectivo por a, o que mais freqüentemente se faz hoje que em tempos de antanho; o *temor ao povo*, o *amor á sua filha*, *consideração aos homens*. A coisa assim dita é clara como a luz que nos alumia. Uma coisa é o ódio de teu irmão em sentido subjectivo, e outra significa o ódio a teu irmão.

Quando um nome rege a outro, mediante a preposição a ou a preposição de, evitar-se há esta última, se occorre immediatamente antes um possessivo: o *seu amor ás riquezas*, o *seu amor aos filhos*, o *seu amor ao estudo*; o *seu amor á independência pátria*, o *seu amor ao próximo*, o *seu aborrecimento á cama*. Tal construção é preferível a estoura: o *seu amor das riquezas*.

Também se escusará a repetição immediata da prep. de quando succede expressar-se numa frase conjuntamente o agente e o objecto. Neste caso, *de* expressa o primeiro, e *a* o segundo: o amor de Antonio á vida, o amor de Pedro a ti, o amor de frei Tomás á môça, o amor de Carlota a Hugo, o amor de Jesus-Cristo á humanidade, e de nenhum modo: o amor de Antonio da vida. Igualmente não é boa construção esta: o *temor do réu da morte*. O correcto é dizer o *temor do réu á morte*. Exemplos de Camilo: "O amor de Maria das Dores á filha tinha acessos de doudice." (*Estrélas Funestas*, 1.^a edição, 1862, p. 37). — "Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho a uma açoriana casada com um académico." (*Amor de perdição*, 3.^a ed., 1869, p. 41). — "Gabriela ignorava os amores do marido á costureira." (*Mistérios de Fafe*, cap. VI, pág. 61). — "Nada de lástimas, Clementina! Que queres tu? Justificas o amor de tua filha ao pintor?" (*O retrato de Ricardina* cap. III, pág. 26).

Em latim evitava-se a confusão com as preposições IN ou ERGA e o acusativo: *Amor Petri in te*—Amor Petri erga te.

Ainda temos francesismos da preposição por em muitos outros exemplos; *gosto pela pintura*, *horror pela peste*, *a sua ternura por Catarina*, *veneração pelos pais*, *o zelo pelo bem dos súbditos*, *zelo pela fé*, *o seu zelo pela religião*, *o seu respeito pela memória do imperador*.

"Mãe e filhos tinham dispersado: era já de outra família a propriedade do hotel, que renunciara ao lusitaníssimo nome de *estalagem da****. (Idem, *Vinte horas de liteira*, págs. 72, 3ª edição).

"Demódoco, respondeu tristemente Eudoro, eu posso com mais que humano esforço *renunciar o amor de vossa filha*." (Idem, *Os Mártires*, vol. II, livro XIII, págs. 29, 4ª edição).

"O mais absurdo e recreativo dos seus passatempos é ressuscitar cadáveres. Sentados em abominando festim, depois de se conjugarem ódio a deuses e homens, e *rumunciando a todos os prazeres legítimos*, bebem o sangue de um homem sacrificado, e devoram as carnes palpitan-tes de um menino: é isto o que êles chamam seu pão e vinho sagrado!" (Id., *ibidem*, livro XVI, págs. 89).

Remataremos esta nota com o que se segue:

"Castilho passou a vernáculo, puro de toda língua, um livrinho que na época em que viu a luz conseguiu prodigioso número de edições, e foi traduzido a todos os idiomas do mundo, as *Palavras de um crente* de Lamennais. Na versão da seguinte passagem, a ilustre e bem aparada pena do tradutor português empregou *renunciar* como trans.: "... et renoncez à une liberté dont vous n'êtes pas dignes." — "e renunciai liberdade de que sois indignos." — Igualmente bem estaria: ...e *renunciai a uma liberdade*... (Mário Barreto, in *Revista de Língua Portuguesa*, n° 2, pag. 21, novembro de 1919).

Hermínio Milis

MOTIVOS

II

SILHUETAS

Para o pincel de Antonio Dias.

A tarde findava-se com magnificência, e o espectáculo grandioso do occaso assignalara que o dia fôra rico de claridade.

O céu, salpicado de nuvens de varios aspectos, cinzentas, dispersas umas e em grupos outras, franjadas de carmim—violeta, era de luz suave, doce e nostálgico!

Ha entre a hora em que a tarde se despede e a que a noite se aproxima, uma emoção tão forte e um recolhimento tão profundo que a nossa alma, como que subindo ás regiões inacessíveis, em mysticos enlevos, enche-se de recordações do passado e de saudades das cousas já vividas! . . .

Os ultimos clarões do sol deixavam uma faixa de um amarello-claro, que, lentamente, se confundia com o bellissimo azul do firmamento.

Ao fundo, o recorte gracioso das montanhas, coloridas de azul-cinzeno-claro-violeta, limitava o horizonte. E, a primeiro plano, duas ponteagudas torres de igrejas, a cavalleiro, defrontando uma a outra, em certa distancia, se destacavam em nitidas silhuetas, rendadas de cabeços de arvore e de magostas palmeiras.

E as luzes espalhadas do casario solitario, lampejavam taciturnas por entre as folhagens oscilantes, movidas pelo amoroso nordeste.

I. Livramento.

Sertaneja

(Para Aldo de Almeida)

Vem cantando para fonte,
Com um jarro pela mão,
A menina lá do monte
Do meu querido rincão

Sua voz é bella e doce
Como inda não vi igual,
E' como se rôla fosse
No meio do matagal

No seu vestido de chita
Não encontro outra rival,
Que seja bella e catita
Quando vai ao cafesal.

Ella anda com tanta graça,
Nem deixa marca no chão,
Parece que quando passa
Pisa em cima de algodão

Quando vai assim passando,
Com o andar todo gentil,
Todo rapaz vai ficando
Escravo de seu perfil.

Fpolis, 20-5-1925

Porfirio Gonçalves.

(Do C. C. de Letras)

O adeus

Mensageiro do amor e da saudade,
Toma o teu vôo pelo azul planura;
Vae dizer ao Brazil em que tristura,
Tu nos deixaste aqui, na soledade.

Vogam commigo os meus na immensidade
Buscando em terra extranha sorte escura;
E eu mais longe inda irei: que desta agrura
Sei que caminho vou da Eternidade.

Mas ah! que vejo! Apenas te remontas
Entre dois pégos voejando as tontas,
Rapido tombar em revoltas aguas...

Benvindo sejas, ó celeste aviso,
Que assim me revelaste de improviso,
A morte como termo a tantas maguas..

D. Pedro de Alcantara.

O soneto supra, foi escripto pelo saudoso monarcha, nas alturas de Fernando de Noronha, quando em viagem para o exilio; e as mas palavras são dirigidas a um pombo que elle soltou de bordo, ao perder de vista a terra brasileira

Do livro inedito:

Orações de Amor

Por Francisco Zicarelli Filho



ESSE OLHAR...

Esse olhar meigo e forte que me lanças,
Quando, perto de mim, altiva passas,
Faz-me pensar em tantas esperanças
E aponta-me, também, tantas desgraças...

Entre o esplendor do sonho de mil graças,
A visão radiosa de bonanças,
Diviso, muito além, negras fumaças,
Que fazem germinar desconfianças...

Muitas e muitas vezes, um olhar,
Um só olhar perturbador e fino
Bem pode um coração apunhalar...

Só por essa ilusão tão passageira,
Efeito desse teu olhar ferino,
Eu não quero soffrer a vida inteira!...

Florianópolis, 3/8/925



IDEAL ILLUSORIO

Tenho o meu ideal: é peregrina
Mulher amavel de belleza rara!
Traz nos olhos um brilho que fascina,
E a sua carne é, como a neve, clara

Tudo eu fizéra tão somente para
Possuil-a, Rainha genuina!
Minh'alma, então, immensamente avára.
Não mais deixára essa mulher divina!

Pobre de quem constróe castellos no ar...
A chimera fugáce vae deixar
O coração eternamente triste.

Misero sonhador; pobre ideal!
Esvae-se a phantasia angelical:
Essa Mulher sublime não existe!...

Rio Negro, Maio de 1925.

A FREIRA

Ao illustre jornalista e poeta Dr. Oscar Ramos.

Enclausurada, só, no solitario
E tristonho convento, a pobre freira
Cumpre bem resignada seu fadario.
Saudade,—apenas tem por companheira,

N tendo sempre á mão o seu rosario
Essa infeliz mulher prisioneira,
Sob a mortíça luz d'um lampadario,
Desnastra sua linda cabelleira.

Ajoelhada e lembrando-se de outrora,
Com o peito consternado, a freira chora...
As lagrimas doridas a commovem.

Cabellos soltos e banhada em pranto,
Curvada ao pé d'um alar, reza tanto
Para a felicidade só, d'um homem!...

Florianópolis, 13/8/925



SÓ !...

Só, muito só, na triste solidão
Da minha erma e distante moradia...
Quando apparece a feia escuridão,
Mais vou sentindo minh'alma sombria...

Ai, como me é tristonho o coração
Todo feito de amarga nostalgia,
Preso á saudade de morta illusão...
Entregue numa eterna lethargia.

Evoco sempre um nome que me é santo...
Meus olhos derramando niveo pranto,
Fitam o ethereo, meu peito solta ais...

E numa exclamação de odio e de amor,
Eu interrogo fervido de dor:
Porque te foste e não voltaste mais?!

Curityba, Janeiro de 1925

Gonçalves Dias

Discurso proferido pelo orador official, Sr. Odilon Fernandes, na sessão commemorativa do 102º anniversario de Gonçalves Dias.

Meus senhores e minhas senhoras

Eu faria um insulto aos vossos brios de pessoas cultas e conhecedoras dos nossos homens e dos nossos factos, si pretendesse traçar-vos aqui uma bio-bibliographia do nosso homenageado de hoje. Por demais conhecido é o grande autor dos «Tymbiras» por aquelles que, como todos nós, prestam culto ás letras e aos intellectuais, para que, da sua vida, alguma cousa seja preciso dizer-vos, a titulo de elucidação. Mas, meus senhores, a nossa sessão de hoje é commemorativa, e commemorar é recordar, isto é, voltar o pensamento para factos que já conhecemos e que as nossas multiplas occupações quotidianas nos inibem guardar sempre nitidos na mente.

Consagremos, pois, esta hora em que nos reunimos, neste dia memoravel do seu nascimento e diante da sua effigie, que a posteridade venera com carinho e que o Centro tem a dita de inaugurar hoje em sua séde, á lembrança da sua vida que elle dedicou inteiramente ao trabalho honroso e dignificante de elevar a sua patria no conceito universal.

Antonio Gonçalves Dias, como quasi todos os poetas foi um infeliz. Seja por que teem as suas vistas voltadas para regiões mais elevadas, seja porque a inveja dos mesquinhos os perseguem, raramente os grandes sonhadores e idealistas são felizes neste mundo.

Gonçalves Dias não constituiu uma excepção a essa regra.

Elle tambem foi um martyr e maior do que a sua gloria, enquanto viveu, foi sem duvida alguma o seu infortunio.

Nascido em Caxias, no Maranhão, ha, justamente 102 annos, teve Gonsalves Dias uma bem cuidada educação e instrução, chegando a frequentar a universidade de Coimbra onde se formou.

Em 1848 publicou elle no Rio de Janeiro os seus Primeiros e os Segundos cantos e as Sextilhas de Frei Antão, estas no estylo quinhentista, sendo que os Primeiros cantos receberam do grande Herculano rasgados elogios. Os «Ultimos cantos» datam de 1850. São ainda da sua lavra os celebres dramas Patkul, Leonor Mendonça, Beatriz Cenci, e Boabdil.

Tambem no jornalismo desenvolveu o infatigavel trabalhador a sua actividade, fundando o «Guanabara» em cujas columnas deu vasão á producibilidade inexgottavel do seu cerebro magnificamente privilegiado.

Em 1851 sahiu elle do Rio, encarregado pelo Governo de inspecionar as escolas das provincias do Norte e mais tarde foi a Portugal olhar documentos interessantes para a Historia do Brasil. Foi durante esta viagem que iniciou a composição dos «Tymbiras» que não chegou nunca a concluir. Em 1857 e 1858 publicou em Lipsia os «Novos cantos» e o Diccionario da lingua tupy."

De volta ao Brasil visitou, como membro de uma commissão exploradora, o Ceará e o Amazonas, tendo publicado as suas memorias a respeito. Escreveu mais «Meditação», em estylo biblico, a «Historia dos jesuitas no Brasil», que não chegou a publicar e traduziu de Schiller a «Noiva de Messina». Tendo enfermado gravemente partiu para a Europa em busca de melhoras, mas em vez dessas só encontrou ali desillusões que mais apresaram o termo da sua tão util existencia. Em breve elle comprehendeu que o mal de que soffria era incuravel e a sua vida tornou-se uma continua afflicção que attingiu o auge quando o pobre exilado recebeu a noticia de que o Governo ia suspender-lhe o subsidio que lhe dera e com o qual elle se mantinha.

Era a miseria!

Resolveu voltar immediatamente á Patria, e na falta de recursos para tomar um paquete, embarcou no veleiro «Ville de Boulogne», que abriu agua, a 3 de Novembro de 1864, proximo ao pharol de Itacolomi, nas costas do Maranhão, quando já se avistava terra, a mesma terra que vira nascer o infeliz vate que, pelo seu precario estado de saude, foi o unico naufrago que se não conseguiu salvar.

Os seus despojos, por uma cruel ironia do Destino, tiveram como relicario a immensidão do Mar, daquelle mesmo Mar ao qual elle dissera:

«Mas nesse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonóro rugido.
Então, mais forte do que tu, minh'alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrára num relance o circulo estreito
Do finito e dos céus!

Quanto lyrismo nesta como em todas as suas estrophes!

Elle foi sem rival no seu genero, incontestavelmente!

Alem disso, outros attributos não lhe faltaram: quanto não fez elle para libertar as nossas letras do classicismo luso?

Quem melhor que elle cantou as bellezas de nossa terra e a vida dos nossos aborigenes? Só, na prosa, o grande romancista de Iracema se lhe pôde comparar.

Quanta belleza, quanta poesia, quanta suavidade nesses sublimes versos que todo o brasileiro sabe e que o estrangeiro, entusiasmado, transportou para o seu idioma, da «canção do exilio?»

Tão bellos são que nem siquer se repara na inverdade por que começam, affirmando ser nas palmeiras que canta o sabiã!

E o canto do Piága, esse romance da superstição indigena? Onde um retrato mais vivo da alma assustadiça do nosso selvicola?

«Esta noite, era a lua já morta,
«Anhangá me vedava sonhar.
«Eis na horriavel caverna que habito
«Rouca voz começou-me a chamar.

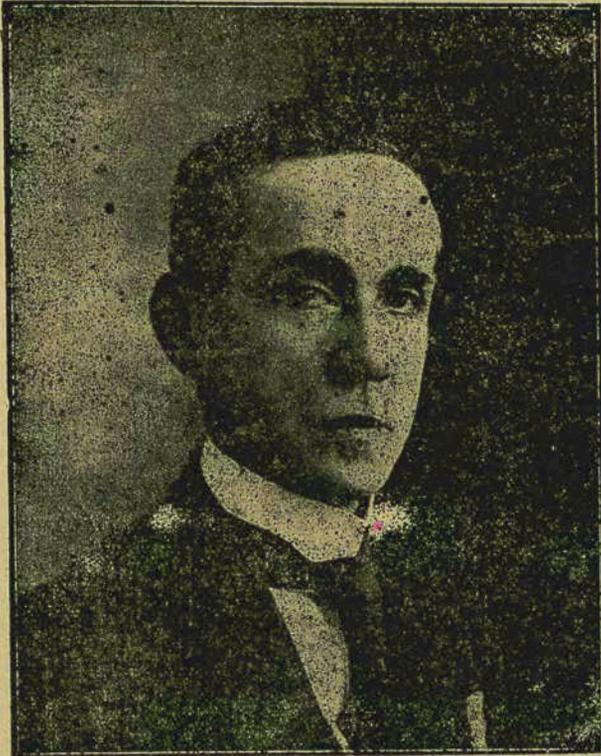
E depois;

« Eis rebenta a meus pés um phantasma,
« Um phantasma de immensa extensão
« Liso craneo repousa a meu lado,
« Feia cobra se enrosca no chão!

Como isto é impressionante e vivo!

Invocações

(Aos corações de 20 annos)



Dr. José Arthur Boiteux

distincto jornalista e notavel historiographo, que tem prestado á nossa terra relevantes serviços.

A indole guerreira e ativa do indio ficou perfeitamente stereotypada na «Canção do Tamoyo.»

- Um dia vivemos
- O homem que é forte
- Não teme da morte
- Só teme fugir.
- No arco que entesa
- Tem certa uma presa
- Quer seja tapuya, condor ou tapir!

E assim, verdadeiros escriptos, verdadeiras joias da litteratura patria são todos os seus versos duma perfeição e dum sentimentalismo sem igual!

O magistral Bilac assim termina um soneto á sua memoria:

- Estes revoltos, largos rios, estas
- Zonas fecundas, estas seculares
- Verdejantes e amplissimas florestas

- Guardam teu nome e a lyra que pulsaste
- Inda se escuta a derramar nos ares
- O estridor das batalhas que contaste !

E para não terminar com palavras minhas depois de vos ter citado o principe da poesia brasileira, ouvi, como fecho deste discurso, as palavras com que o inesquecivel Machado de Assis começa:

- «Morte de Gonçalves Dias.»
- «Morto é morto o cantor dos meus guerreiros.
- Virgens da Matta suspirae commigo;
- A grande agua o levou como invejosa
- Nenhum pé trilhará seu derradeiro
- «Funebre leito; elle repousa eterno
- Em sitio onde nem olhos de valente
- «Nem mão de virgem poderão tocar-lhe
- Os frios restos

O lampejo da lua branca, tinge dum clarão azulino o mar de saphira e as montanhas de esmeralda; beija as torres altas e os pinheiraes esguios, acaricia os arvoredos gigantes e os vallados esquecidos entre arbustos novos.

A lua enxuga o pranteio das dores secretas e consola as almas soffredoras; acalenta um soluço de angustia com o mesmo carinhoso deslizar com que procura consolar os gemidos dos regatos de crystal liquifeito.

Ha, na natureza, ás vezes, a melancholia das almas emocionadas... e, a luz benefica da lua alva beija numa folha de rosa uma gotta de orvalho, com a mesma solicitude com que illumina numa palpebra arqueada uma lagrima de soffrimento. A lua sabe dos gemidos das almas angustiadas. Angustias... queixas—a lua as vê, as sente, as conforta...

Lua branca, immenso disco de prata, conselheira e amiga das almas scismadoras—guardas contigo as phantasias loiras que as imaginações concebem... os olhos negros fitam e os labios vermelhos invocam...

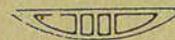
Dizei, branca lua, a esses olhos negros que te fitam e a esses labios vermelhos que te interrogam—que o amor sincero è um bem... o unico bem...

Illusão... phantasia... chimera... sonho... viverão na eternidade dos luars—emquanto a lua ouvir esperanças gratas, promessas consoladoras...

E ao reflexo pallido do luar casto, haverá sempre, em cada coração, accessa uma prece—è a lei geral da gratidão humana...

Fpolis, Agosto 1925.

João Melchades.



Nem mesmo o poder tem tanta força como a doçura.

Leight Hunt.

A Historia é a biographia da especie humana.

Marquez de Marirá

MUSA

CATHARINENSE

In her book

Ella andou por aqui... Andou: primeiro,
Porque ha traços de suas mãos; segundo
Porque ninguem, como ella, tem no mundo
Este suave, este esquisito cheiro!...

Livro—de beijos mil teu rosto inundo,
Porque pousaste sobre o travesseiro
Onde ella dorme o dormir ligeiro
Como somno de estrella em cèo profundo.

Trouxeste, ó bella, o olôr de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rôla
E esse extranho mexer de ethereos ninhos...

Ruflos de azas, amôras dos sylvedos,
Frescuras de agua, sombras e arvoredos,
Dando secca aos rosaes, pelos caminhos.

Luís Delfino

Luz da Natureza

Luz que eu adôro, grande Luz que eu amo,
Movimento vital da Natureza.
Ensina-me os segredos da Belleza
E de todas as vózes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo
Dos forte e dos Justos da Grandeza,
Illumina e suavisa esta rudeza
Da vida humana, onde combato e clamo.

Desta minh' alma a solidão de prantos
Cérca com os teus leões de brava crença,
Defende com os teus gladios sacrosantos.

Dá-me enlevos, deslumbra-me da immensa
Porta espheral dos constellados mantos
Onle a Fé do meu Sonho se condensa!

Cruz e Sousa

7 de Setembro

Patria! venho sagrar-te n'harmonia
da minha lyra humilde, ardente canto;
são puras rosas de um affecto santo
que rev'rente te offerto n'este dia.

Hymnos e flores, sonhos de alegria,
doces memorias de um passado encanto,
dos brasileiros peitos o quebranto
hoje dissipam, como por magia!

Sim;—que não pôde o coração fervente
do amor que te sagra, indifferente
recordar os laureis da tua gloria,

pois de teus filhos n' alma està gravado
o triumpho maior de teu passado,
como o ficou nas paginas da Historia!

Delminda Silveira

EM MAIO

Troteando alegremente pela estrada
Aberta, entre arvoredos e barrancos,
Passam mansos, gracis, em desfilada,
Lindos rebanhos de cordeiros brancos.

E rapazes foliões, bizzaros, francos,
De linda tez morena e delicada,
Seguem risinhos os cordeiros brancos,
Estalando os tamancos pela estrada.

Maio embriaga. Evolam-se das granjas
O aroma delicado das laranjas
E as quint' essencias das sylvestres flôres.

E effluviado o coração da gente
Deseja, aneia romeirar contente
Essa vida serena dos pastores.

Indayal—Santa Catharina

Octaviano Ramos

Justa homenagem



Sete de Setembro, a data aurea de nossa nacionalidade, recebe ainda do catholico povo catharinense uma consagração muito significativa—marca, há 11 annos, a posse do governo da diocese pelo Exmo. Sr. D. Joaquim Domingues de Oliveira, 2º e actual Bispo de Santa Catharina.

Por suas virtudes apostolicas e vasta erudição, pela sua invencivel operosidade e espirito progressista, o egregio Antistite, mau grado o véo de modestia que lhe encobre muito das grandiosas obras emprehendidas em proveito da Religião Catholica, tem-se imposto ao respeito e estima de seus diocesanos.

A grácil fachada da Cathedral com suas esbeltas torres, vindo substituir a archaica matriz dos tempos coloniaes, honra por si só o eminente Prelado que com largo descortinio contribuiu assim para os nossos fóros de povo catholico e culto, como tambem para o aformoseamento de nossa Capital de que o bello templo é um fautor de realce incontestavel.

Rendendo a S. Excia. esta justa e opportuna homenagem pela auspiciosa data da posse da diocese, a nossa Revista manda para além dos mares, á legendaria Roma, onde ora se acha o digno Prelado catharinense, os votos de muita prosperidade e dilatados annos de proficuo pastorear.



Uma tarde de bruma nas praias do Campeche.

Seriam precisamente quatro horas da tarde de um dia de agosto, quando parti de nossa capital, acompanhada de pessoas de minha familia, para fazer um passeio até ás praias do Campeche.

Ora, eu, que sempre dei a vida por esses passatemplos, pulei de contente como nos tempos de infancia e, sem me fazer rogada, tomei logo assento nas commodas almofadas de um Studebaker. O auto corria veloz, sem os solavancos que perturbam a digestão, graças ao habil motorista, que, attento á direcção, não o precipitava nas voltas e nos accidentes das estradas.

A tarde não estava quente, mas não impedia as vestes leves.

Um sueste brando soprava, sem que se sentisse o rigor hibernal, pois apenas sacudia airoosamente os babados das blusas e as plumas dos chapéus que, acompanhando a velocidade do auto, pareciam retribuir os adeuses das folhas das arvores, que farfalhavam em acenos amistosos.

O sol na sua magistral decoração, não resplandecia com tanto brilho, mas o mormaço fazia activar os musculos e enrubecer as faces polvilhadas de poudre-de-ris.

Os meus olhares se tornavam curiosos a tudo que viam: aqui, ali, acolá, bellas paisagens prendiam a imaginação de um modo especial, todo affectuoso, e me falavam á alma os encantos do torrão natal que o bairrismo refaz em alegrias e gozos.

A extensão de kilometros, que o auto vencia, era marginada por laranjaes ainda carregados de seus fructos amarellos, aguçando a cobiça de serem saboreados, além dos arbustos enfileirados que completavam a orla dos caminhos, sombreando em formosas silhuetas que pareciam evocar as reverencias dos viandantes. Casinholas, esparsas, ostentavam-se na monotonia dos sitios, com suas eiras de café onde o mulherio se movimentava na azáfama das colheitas.

Um aprazivel porto em Pirajubahé dava accesso a pequeno caes argamassado; mais adiante, o mar beijando o pedestal de uma Cruz corada de flores e erguida naquelle recanto, como symbolo encantador das crenças de um povo que respeita as tradições de seus antepassados. Além, um braço do rio Tavares circulava num verdejante mangue, cuja apparencia se assemelhava a um farto arrozal. Na confusão de tantas novidades campesinas, chegámos, finalmente, á encantadora praia do Campeche, parando o nosso vehiculo pouco aquem de um outeiro. Sem nenhuma difficuldade, venceu-se a pequena elevação

A lenda da Rosa

que conduz a um aggregado do comoros de visíveis reintrancias com formatos bem variados que se confundem na brancura de seus areaes.

Lá, a temperatura resente-se de modificação mais accentuada pela mudança brusca das auras marinhas desprendendo-se na solidão das praias, onde se comprimem as areias angustiadas pelo fragor das procellosas aguas.

Havia uma similhaça de região pelar, não só pelo aspecto de soledade, como também pelo frio que estremecia os nervos. Uma espessa bruma envolvia todo aquelle quadro que talvez o cinzel do artista não pudesse apanhar e reproduzir. Corri á praia para brincar com as vagas que pela segunda vez me comprazia de ver e admirar, mas recuei em respeitoso arrebatamento aos seus encapellados franjados que se enroscavam e se iam debater desordenadamente sobre o niveo tapete das dunas, num marulhar ensurdecador. Tentei, instinctivamente, afagar o gigante das aguas, mas temi ser tragada nos seus turbilhões de espuma. Passeei ligeiramente de uma extremidade á outra da solitaria praia, tendo a impressão de me achar perdida num cháos, tendo por bussola o céu nublado; abrigo, a nudez dos comoros borrifados da densa evaporação, e por companheiras as ondas enfurecidas que ameaçavam tragar-me no seu pélagos.

Alonguei humildemente a vista para a ilha do Campeche, que fica, como um ninho de fadas, a poucas braças da praia, mas a cerração já havia encoberto a magnificencia de seus encantos, engolfando-a numa densa bruma.

Era a mesma ilha que na minha primeira visita se ostentava de verdes folhagens, sombreada pelas manchas de um sol ardente que enfeitiçava as moitas de fétos onde o passaredo se debruçava e desferia trinados e acordes de saudações de uma tarde de amor.

Igual na posição, differente no aspecto e na opulencia, se me apresentava a ilha do Campeche.

Então comparei aquella existencia vegetativa com a vida da humanidade: uma complexidade de obstaculos que se aggregam aos encantos, góssos e soffrimentos.

Aquella tarde, aquella praia, aquella ilha, bem enquadram o despertar das reminiscencias de um passado todo flores, todo encantos, todo esperanças.

E na contemplação desses vai-vens da vida, enlevei-me nas saudades de um passado que não volta mais...

.....
A tarde expirava soluçante aos ultimos beijos de uma frouxa claridade, arroxando o horisonte, e abraçava a penumbra dos montes.

As gaivotas ruflavam as azas sobre o dorso das aguas e reverentes na sua volatibilidade se erguiam para a copa dos bosques, já orvalhados pelas lagrimas do crepusculo.

E foi num extase de fartos e misticos conceitos de illusões e realidades, que deixei as praias do Campeche, á hora das Ave-Maria.

AGOSTO,

B. de S. Britto



«E' a mais bella de todas as rosas! diziam á sua passagem os velhos moradores da collina verdejante...»

Na verdade, era uma lindeza em flôr aquella creatura, de olhos negros e profundos como a voragem dos abysmos.

Aos 18 annos, a vida se lhe afigurava uma sorridente Primavera, na sua eterna alleluia de floração a aloirecer as manhãs rútilas de sol e a pratear as noites fulgurantes de luar.

Afastada do torvelinho humano, onde rastejam as ambições incontidas e as angustias torturantes, vivia descuidosamente ao sol e ao vento, na simpleza dos costumes, na intimidade de pessoas meigas e bondosas.

O seu maior enlevo, na quietude das horas que deslisavam para si serenas, consistia em orar com todo o fervor, como a ensinaram na sua adolescencia os seus paes que eram muito religiosos.

E toda entregue a um mysticismo suave que lhe era um bem espiritual, Rosa passava, horas e horas, a cultuar a Santa que a adoração dos crentes collocou, entre flores e luzes, na ermida da collina.

Genuflexa, n'uma attitude de mystico encantamente, ella, ali, junto aos pés da sua Santa adorada, se deixava ficar naquella prece que se evolava para o alto, como um pedaço da sua alma simples e boa.

Os seus olhos negros e profundos, como a voragem dos abysmos, lembravam então monjas piedosas recitando psalmos á beira dos altares.

Às tardes, ao soar melancolicamente a Ave-Maria, a hora em que a alma se recolhe ás suas ves recordações, Rosa encaminhava-se para a ermida, levada pela sua prece fervorosa.

Mal apercebiam ao longe o perfil attrahente de Rosa, no esplendor da sua mocidade forte e na pureza do seu coração delicado, diziam os velhos moradores da collina verdejante:

«E' a mais bella de todas as rosas!»

—
Passaram-se os annos.

A lindeza em flor, que vivia descuidosa ao vento e ao sol, desapareceu para todo o sempre, como uma luz acariciadora que se apagasse, deixando trevas em derredor.

Não se ouve mais na collina verdejante a alegria ruidosa que somente a sua passagem despertava aos seus velhos moradores.

Paira naquella lugar a tristeza das cousas sombrias...

Contam ali que na fluidez da claridade das manhãs rútilas de Primavera, Rosa apparece, como uma resurreição milagrosa, a florir os valles na pompa austera do seu manto de verdura embelezado pelos botões de ouro das arvores silvestres.

E todos os labios, como n'um hymno de louvor, ainda parecem murmurar:

«E' a mais linda de todas as rosas!»

Oscar Ramos



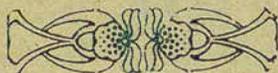
TERRA

Éra uma grande tela em que o primeiro Artista
Vazou todo o poder do seu labor potente.
O orbe todo vazio, o céu ermo e sem vista,
Aprêstam-se de encanto e graças de repente.

Era um immenso cofre... Empós toda conquista,
Ao homem, Deus entrega a terra florescente,
E nessa doação ao primeiro egoista,
Resalva de noticia um thesouro latente.

Dou-te arvores, e fructo, e plantas e animaes...
De tudo sê senhor. E o Sabio penetrante,
Prevendo as ambições, amúia os mineraes...

Guardadora do pomo, os compromissos seus
Trahindo, a terra fende, exhibe um diamante,
E revêla no tempo o segredo de Deus!



Acy Coelho.
(Do C. C. de Letras)



MEDITAÇÃO

Medito a vida... Deus, duas veredas
Traçou por sobre a terra... E o bem, avonde,
Semeia numa, emquanto a outra, tredas
Delicias, a espessura verde esconde.

— Vai por aquella, filho, e nunca cedas
Às seduções profanas de ir por onde
Ess'outra, que na estrada em que te quedas
É arvore o Bem... repouisa á sua fronde.

O conjuncto da vida o homem percorre...
Na força superior da intelligencia,
Concentra anhellos... Gosa, soffre, morre.

Para a harmonia, Deus, nesta existencia,
Cria emoções precisas e soccorre,
Na suprema harmonia da indulgencia!

MANHÃ

Medra um botão de luz no léste do horizonte,
Desabrochando pouco a pouco, na negrura
Da noite; desenlaça as fibras; flôr, a fronte
Pende e da anthera a poeira espalha-se na altura.

Por tudo ha um sobresalto... E da rechan ao
Do ninho ás telhas, tudo á annunciação fulgura...
De aves erram canções... Erram canções de fonte...
Té das ravinas sobe um riso á creatura.

E a terra definindo e espancando sombrios
Fantasmas, á oppressão doirada das algemas,
—Velho Tantaló—o sol abre a boccarra aos rios...

E, ao toque occulto que o céu tinge em traços
E' esfinge illuminando os eternos problemas,
Sêve dos fructos bons e dos fructos amargos.

JESUS

Abro o meu coração ao teu mysterio,
Encantada a colher do que semeaste,
À ebriedade feliz do aroma ethereo
De todas as sementes que lançaste...

Eis o meu peito, campo, abyssus... fere-o
Do germen, porque esteril se não gaste...
Amo-te, Jesus, balsamo ou cauteri...
Ou seiva ao tronco, à hera, colmo ou haste.

Toda a treva se muda claridade
A esse facho de luz porque irradias
No evangelho ou no poema ne Reuan.

Feliz quem tem em Ti summa verdade,
E na sombra de vans filosofias,
Não perde o Céu na dúvida de Kant.

A nossa sessão de 10 de Agosto

Com uma animada sessão solenne, o Centro Catharinense de Letras commemorou o nascimento do immortai poeta Gonçalves Dias, cujo 102 anniversario passou a 10 de Agosto ultimo. A's 19 1/2 horas, na séde do Centro, fartamente illuminada e bellissimamente ornamentada, perante uma assistencia numerosa e distincta, o Presidente, Snr. Amphiloquio Gonçalves, abriu a sessão, cuja rasão de ser explicou, e concedeu em seguida a palavra ao orador official, Sr. Odilon Fernandes, que proferiu o discurso que publicamos.

Foi inaugurado nessa occasião o retrato do homenageado, que, envolto no pavilhão nacional, pendia de uma das paredes, em artistica moldura.

Seguiram-se com a palavra a Exma. Sra. Acy Coelho, Sta. Maura de Senna Pereira e os Snrs, Arnaldo Jardim, Joaquim Arantes, Petrarcha Callado, Archimedes Tabora, Nicolau Nahas, e os socios correspondentes Srs. João Melchiades e Francisco Zicarelly Filho, sendo todos muito applaudidos.

Convidada pela Directoria, recitou bellimos versos a sempre applaudida declamadora catharinense, Sta. Zelia Moellmann.

Durante a solennidade tocou no saguão a afinada banda «União dos Artistas».

Realisou assim o Centro de Letras mais um brilhante festival, provando ao publico que, apesar das difficuldades com que lutam todas as associações no seu inicio, elle tem vida — vida intensa — e vai cumprindo á risca o seu programma de despertar nos que não o possuem, e de augmentar nos que já o têm, o gosto pela sublime arte das letras.

Commemorando, com festas solennes e significativas, não só as datas nacionaes como as que estão ligadas á vida dos grandes litteratos do paiz, o Centro tem tido o ensejo de proporcionar á nossa sociedade magnificos serões literarios.

Ainda estão na memoria de todos que o assistiram, as duas brilhantes noitadas que o centro realisou, em seu beneficio, no Theatro Alvaro de Carvalho, e que constituiram espectaculos variadissimos e sobremaneira agradaveis.

Mantendo, a custo, a sua «Revista», cujo 3º numero h je publicamos, e que serve não só para registro das producções dos seus membros como tambem das daquelles que, novos e tímidos, receiam apparecer noutros jornaes, o Centro póde orgulhar-se de estar seguindo sem tropeços a norma que elle mesmo se impoz, no terreno das letras, de homenagear os consagrados, estimular os militantes e, principalmente, tirar do obscurantismo aquelles que, sendo possuidores de incontestavel talento, se prejudicam por mal interpretada modestia.

Quatro conselhos

I

Sê mº indulgente para com aquelles que fizeram o mal: não sabes quantas vezes resistiram á tentação, não sabes quanto tempo luctaram antes de succumbir.

Talvez elles, apesar da quèda, valham mais do que tu, que não foste tentado.

II

Habitua-te a ver as boas qualidades dos que te cercam, e não os seus defeitos.

III

Não sejas avaro das tuas palavras de animação: os homens de bem precisam d'ellas para perseverar, os outros ainda mais para mudar de vida.

IV

Que as tuas unhas estejam sempre limpas, e não compridas: um homem na época actual não precisa de garras...

(M. Deshumbert—«Moral da Natureza»)

Antigo largo São Luiz. Hoje, ajardinado e com um singelo monumento, em homenagem ao fundador da cidade, tem o nome de praça Dias Velho.



:: :: FLOMIANOPOLIS :: ::

Gymnasio Catharinense

Illustra hoje a nossa capa um cliché do Gymnasio Catharinense, proecto estabelecimento de ensino secundario, que goza em todo o paiz do mais merecido renome.

O nosso Gymnasio foi fundado, com o titulo de «Gymnasio Santa Catharina», em 30 de Agosto de 1905, pela Lei estadual n.º 669, sendo Vice-Governador em exercicio o Ex.^{mo} Sr. Cel. Vidal José de Oliveira Ramos.

A sua organização e manutenção foi e ainda se acha confiada aos padres da Companhia de Jesus que aqui, como em toda a parte, têm demonstrado o maior fervor neste nobre myster de educar e instruir a mocidade.

Graças aos esforços da Representação Catharinense no Congresso Nacional, o Gymnasio foi equiparado ao Collegio «Pedro II», pelo Decreto n.º 6187, de 22 de Outubro de 1906, sendo seu primeiro fiscal o Snr. Joaquim de Oliveira Costa.

A primeira turma de bachareis em sciencias e letras formou-se em Dezembro de 1910 e a segunda no anno seguinte.

Dentre elles o Centro Catharinense de Letras tem a honra de contar no numero dos seus associados o actual Vice-presidente Prof. Barreiros filho e o socio correspondente, Dr. Ivo d'Aquino.

Perdida a equiparação pela Lei Rivadavia, tornou o Gymnasio a adquiri-la, graças á intervenção do governo estadual, em 23 de Março de 1918, tendo sido nomeado, naquella data, fiscal o Snr. Dr. Gilberto Joyce Paranhos da Silva, que ainda hoje desempenha com proficiencia essas funções.

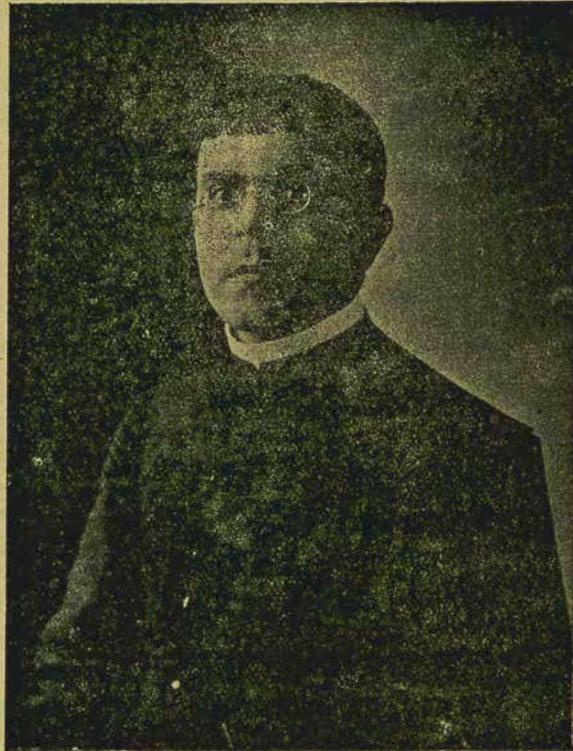
O Gymnasio é subvencionado pelo governo estadual.

A eficiencia do ensino é attestada pelos elogiosos relatorios do Snr. Inspector Federal e correspondentes pareceres das commissões do Conselho Superior do Ensino e bem assim pelos exames, em grande parte brilhantes, feitos pelos seus alumnos nas diversas faculdades do paiz.

Situado á beira mar, o Gymnasio proporciona aos educandos uma vista bellissima e um ambiente saluberrimo.

Possue amplos e espaçosos galpões, pateos para jogos, excellent campo de football, praia segura e arenosa para banhos de mar, theatro, cinema e uma aprazivel chacara fóra da cidade que fornece ao estabelecimento leite, manteiga, legumes e gran-

SACERDOTE CATHARINENSE



Padre Dr. THOMÁS FONTES,
figura de alto relevo no clero nacional.

de parte da carne e na qual se realisam durante o anno animados pic-nics.

Os gabinetes, de physica, chimica e historia natural, aparelhados das mais modernas installações, merecem ser classificados entre os melhores do paiz, tratando-se de estabelecimentos particulares.

O externato é composto principalmente dos filhos da Capital e o internato dos do proprio Estado e de outros pontos do paiz, notadamente Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Acham-se matriculados este anno 320 alumnos, dos quaes 121 internos.

O Gymnasio está empenhado na construcção de mais um colossal edificio de 4 andares, do qual já se acha concluida uma das alas.

E' Reitor actualmente o illustre e virtuoso sacerdote Pe. Francisco Xavier Zartmann S. J.



O governo de si mesmo é a unica e verdadeira liberdade individual.

Perthes

A vida sem a sciencia é morte.

Robertson

Da acção sobre nós mesmos

Bem poucos se vão deste mundo tendo conhecido os variadissimos aspectos da vida, que eu comparo a immenso e multifacetado brilhante.

Todos *vivem*, porém, pouquissimos são os que *conhecem* verdadeiramente a vida; a maior parte dos homens não ultrapassa os limites da superficie plana de uma das facetas daquelle diamante; quasi ninguém cogita do que seja ou represente a vida.

Raros são os *maliciosos* de espirito que, desconfiados de que nada possuem e nada sabem sentir, se desprezam a si mesmos para só buscarem o que não conhecem e o que é extranho. Esse amor a tudo que lhes não pertence, vai-lhes ampliando a capacidade psychica até aos ultimos marcos das possibilidades humanas, ao mesmo tempo que a penetração da analyse vai operando maravilhas.

Assim, logram elles aquelle estado de que a vida necessita para poder desdobrar-se em toda a amplitude.

Porém, nesse desprezo de si mesmos está a modestia e não o sacrificio. Isto é: elles têm sempre em conta somenos tudo que já conseguiram e que lhes pertence, para que nunca se envaideçam, fascinados pelas bellezas que isso lhes proporcionou. Não devemos entender nesse desprezo o abandono de todas as nossas possibilidades, porque seria sacrificar-nos; ao contrario, devemos zelar por nós mesmos quanto fôr possível, afim de que se não embote nenhuma das nossas faculdades, nem tão pouco seja alterado aquelle equilibrio unico, exigido pela natureza para o mais completo e perfeito desdobramento da vida.

Esse equilibrio está na exactidão e igualação do nivel entre o sentimento e o pensamento, — os dois pontos em cujo meio oscila a vida. Entre esses dois pontos antitheticos parece existir uma luta occulta, ou uma concurrencia porfiada, pois cada qual busca,

em detrimento do outro, apoderar-se de todos os elementos vitaes. O aniquilamento de qualquer delles acarretará a extincção da vida, e esta só se mantem, inalterada e perfeita, enquanto houver harmonia entre ambos. E' para o estabelecimento dessa harmonia que se faz mister a acção do espirito.

Deve ser objecto do nosso maior cuidado manter sempre no mesmo nivel os dois pontos antinomicos, se quizermos conhecer perfeitamente a vida. Do contrario enfermaremos desse mal conhecido dos psychiatras, aos quaes recorrem os sentimentalistas, os religiosos fanatizados, os timidos afogados em superstições, e todos os sentimentaes que encurtam a vida, esmagados por erros e deseganos oriundos do sentimento, que lhes absorveu todas as energias, matando-lhes o pensamento; ou os banqueiros, os industriaes, os politicos, os agiotas, que morrem prematuramente, torturados pela neurasthenia, por não terem sabido evitar que o pensamento predominasse nelles e lhes destruisse o sentimento. E' que uns e outros ignoram que a estabilidade da vida só é possível quando o nosso espirito realisa o equilibrio entre esses dois pontos.

Em certas capitães europeas já existem as chamadas «casas de recolhimentos», fundadas por psychiatras de renome e onde os grandes homens de acção, quando gastos, e todos os insensibilizados pelas lutas materiaes se vão entregar a uma especie de vida contemplativa, para, nem mais nem menos, restabelecer aquelle nivel perdido, que, por desconhecêrem, não puderam manter, derivando dahi a serie de perturbações que lhes põe a vida em perigo. Aos sentimentalistas de pensamento atrophiado, que são o opposto aos embrutecidos na luta, costumam aconselhar os medicos da alma, grandes passeios e o maximo de distrações em centros de actividade e de trabalho, porque, materializando a vida, se fortalece o pensamento, e dahi advêm a probabilidade de re-haver para elle a parte açambarcada pelo sentimento.

—« ASPECTO DE NOSSA URBE »—



Residencia do sr. coronel Campos Junior.

E, no entanto, esse nível é bem fácil de ser guardado por nós mesmos, visto sabermos que tudo quanto exalta o sentimento atrophia o pensamento, e vice-versa; e pela experiencia tambem sabemos quaes as emoções que exaltam ou entibiam aquelle e quaes as ideias que fortalecem ou deprimem este.

Quem não sabe que a compaixão pelos soffrimentos alheios, que tanto eleva o nosso sentimento, obliteira o pensamento com o pavor que as consequências delles nos causam, se não a submettemos a uma determinada medida de ordem material? Da mesma fórma, quem ignorará que a dureza ou indiferença que nos impõe a luta pela vida e em cuja pratica tanto se compraz o pensamento, embota as faculdades sensitivas, nivelando-nos aos brutos, se não a submettemos a certos direitos de sentimento?

Se no nosso espirito conhecemos o que favorece ou debilita o nosso pensamento ou o nosso sentimento, podemos então dizer que possuímos os recursos para manter ou restabelecer a igualdade potencial entre um e outro.

Como, porém, proceder no restabelecimento dessa harmonia?

Se a nossa atenção estiver no sentimento, poderemos vigiar o pensamento e vice-versa?...

O nosso espirito, conforme as diversas organizações psychologicas, propende, em geral, mais para um do que para outro desses dois factores, razão porque aquelles que estudam esta sciencia, ou agem sómente sobre o sentimento, ou sómente sobre o pensamento. Isso, porém, em nada prejudica a acção do nosso espirito; basta agirmos sobre um dos dois pontos,—pelo facto de uma emoção ou uma ideia favorecer a um delles na mesma proporção em que prejudica ao outro.

Mas, a despeito, de toda a nossa atenção, seremos de vez em quando surpreendidos por uma leve perturbação da vida, occasionada pelo avantajamento brusco de um delles, que, apoderando-se da maxima energia vital, se desenvolve singularmente em prejuizo do outro, que se atrophia e declina. Para quem se acha exercitado nesses problemas psychologicos, meia hora de concentração será bastante para, agindo sobre um dos dois pontos, restabelecer-se o nível violado, cuja integridade representa, a meu ver, o maior bem e a mais sublime belleza da vida.

Arthur Galetti

Puericia

Lili, a mais galante criancita
De quantas neste mundo são assim,
Tinha a feição mais meiga e mais bonita
Que o mais bonito e meigo cherubim

Era de vê-la, sempre bem catita,
Limpa, cheirosa, alvinha qual jasmim
(No louro cabellino atada a fita)
Mostrando a rir dentinhos de marfim.

Na alcova, um dia, de mamã doente,
Um irmãozinho mais lhe mostra o pai,
Dizendo que o tr uxera de presente.

Ella o contempla, beija-o e então se sai:
— « Porquê será, mamãe, que essa outra gente
Não dá "bebês" p'ra nós como o papai? »

Odilon Fernandes.

DA SAUDADE...

—Que é saudade...?

—Sei lá o que seja... pergunta á lua, ás flores, ao mar...

Olha: dizem que nestas horas mysteriosas da noite, em que o mar repousa tranquillo e sereno como um lago, dizem, que nestas horas mysteriosas, elle tem ancias de falar... Pergunta, pergunta ao mar o que é saudade... E, se elle, por cruel prazer, nada te responder, invoca a sabedoria das estrellas... As estrellas, quem sabe! talvez te respondam...

Quando morre o dia e vem a noite, á hora sólemne do pôr-do-sol, em que a natureza parece fatigada, cansada dos voluptuosos ardores do dia, procura, a essa hora, prevalecendo-te dessa fadiga, desse cansaço da natureza, procura abrir-lhe o seu grande livro. Nas palpitantes folhas do magestoso livro da natureza, encontrarás altamente definida a palavra saudade...

—Mas... escuta: saudade é coisa do coração... Porque não perguntas a teu coração... Dizem que o coração falla á gente nos sonhos... E... a saudade não será um sonho?...

—Não sei, meu amigo, não sei... Sô sei que o meu coração, a minh'alma, e até o meu proprio destino, podem caber dentro das saudades que sinto... Mas... se a saudade fosse mesmo um sonho... Ah! Se a saudade fosse um sonho, eu pediria a Deus, numa prece sincera, que jamais me despertasse deste grato sonhar..

Altino de Oliveira

PORQUE?

Porque assim me falas, tristemente,
Com os olhos de chorar tão encarnados,
Que se vão transformando de repente
Em dois fôcos por crepes enlutados?

Tua voz que era meiga e bem dolente
Que accordava na gente novos fados,
Já não é do-e como antigamente
Quando passavas junto aos namorados.

Porque é que te acabrunhas nesta vida,
Onde ricos amores só gosaste
Numa estrada de sonhos refflorida?

Porque tens o teu peito enfraquecido
E as rosas do teu rosto demanchaste
Em recordar o tempo já perdido

Florianopolis, 20/6/1925

Porphirio Gonçalves

(Do Centro Catharinense de Letras)

O problema penitenciario

Abordar esta questão de magna importancia e interesse social foi a minha lembrança ao ter de escrever algumas linhas para esta Revista Literaria.

Mas o negocio, que é opportuno, já tem sido ventilado por varios jornalistas competentes na materia que não só têm trazido á luz o assumpto como têm tambem indicado aos dirigentes dos Estados o meio pratico a seguir para chegarem a uma solução com a urgencia que o problema exige. Tenho observado, porém, que até agora os pregoeiros desse ideal sublime vêm fallando no deserto porque os poderes publicos, de algumas unidades da Federação, não se têm occupado devidamente com o referido problema.

Todavia não é de mais voltar ao assumpto, porque diz o proloquio que a perseverança toda causa alcança, assim como a versatilidade arrefece o entusiasmo e, por conseguinte, diminue o interesse.

Desta vez vão apenas algumas considerações á cerca das penitenciarias abandonadas, ou melhor, das prisões que se adaptam convenientemente a uma certa classe de *delinquentes*.

Quanto ao meio pratico que traria o resultado necessario ao custeio dos proprios detentos e com uma reserva n'uma caixa especial para esses infelizes, com renda ao Estado, já algumas unidades do Brasil possuem, para isso, prisões apparelhadas, com officinas proprias e competentes e pouco dispendiosas na sua montagem, que bem podem ser imitadas por aquelles Estados ou cidades em que o assumpto se acha em completo abandono.

Comecemos a encarar, antes de outras cousas, a verdadeira promiscuidade que se nota em muitas das nossas prisões. E se não diga que isto só se verifica nas villas ou aldeias. Absolutamente não; nas pitorescas cidades, onde tudo brilha no exterior, desde as praças e os bellos jardins até as avenidas bem arborisadas, ahi nessas bellas urbes tambem se encontram occultos, gemendo nos cubiculos das cadeias os sentenciados, ás vezes não só sem a indispensavel selecção como em rigorosa falta de hygiene e de alimentação sufficiente. E para mais degradação vivem sem occupação nenhuma. Degeneram-se mais, em vez de se regenerarem.

Accresce que algumas cidades ha que por não possuirem manicomios transformam prisões publicas nesse genero de residencia dos infelizes que perderam o uso da razão...

Mas hoje limito-me ao exordio, não me convem ser prolixo e si me for permittido proseguirei no assumpto em o proximo numero da Revista.

Fpolis, Agosto de 1925

Alfredo Xavier Vieira

(Do Centro Catharinense de Letras)



Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, si quem as diz não é grande.

Pe. Antonio Vieira

Recordando o Rheno

(Traducção da 1ª parte do boletim do «Feuer», de 10 de maio de 1912).

«Eu vivo como um martyr, porque penso como um Deus»...

Goethe

Do berço encontrei escolhos e, no jardim, ferinos cardos... mas a puericia me alimentava os passos e o verdor dos annos me promettia glorias!

Tive de percorrer ignotos montes para galgar o cume da montanha; essa montanha, de encostas tenebrosas, de base mal formada, pareceu-me um santuario, onde meu corpo se faria imagem, onde minh'alma se tornasse um anjo...

Caminhei!... os pequeninos pés mal traçavam incompreensíveis passos, onde a incerteza se alojava forte!

Tentei a longa viagem: alcançar o auge da collina era um divino sonho, pois lá deveriam existir tantos lirios, tantos, que bem traduziriam a lembrança do Passado...

Lembrar... ter lembrança do Passado, tudo nos diz saudade...

E a saudade veio, forte, tenaz, acabrunhante e definida, para habitar, sem ser conviva, no recondito de minh'alma... e o monte ficou além, pedindo alma para a sua belleza, esperança para o seu verdor...

Mas eu lhe neguei a fé: ella é granito, dorme; eu sou a massa, me pulverizo, mas o pó, que lhe ha-de chegar ao auge, será tirado do meu peito morto, onde os queixumes não terão sahida, para a lembrança ter saudade só...

Lembrança do verdor dos annos é a perpetua que se irmanou saudade, para a saudade perder perpetua!

**

Quando diviso o Rheno, de montanhoso aspecto, lembro o viver que se formou de montes!

Valles do Rheno, onde vivi sonhando, porque negaste tuas verdes varzeas?!...

Licor rhenano, que perpassas célere, não tens inveja das danubias aguas?

Que mal aproveitaste o meu sentido pranto, dizem-mo as lagrimas que comigo moram...

Do alto dos teus montes quero chorar para te suster colosso, já que me queres, niveo grão sem força, para que corras sem o sentir nem crer.

Vivendo morto, sem de ti viver, quero dormir contigo mansamente... Tu vives como um Deus e esperas por Jesus, mas maldigo esse esplendor que me ensinou a sentir.

M. Luis



Nenhum mistér conheço mais nobre que este de educar crianças, preparar os homens do futuro.

D. Pedro II

ALFAIATARIA CARDOSO

Especialidades em artigos para homens, como sejam:

Chapéos de panno e de palha, camisas de crepeline e tricoline, meias, ligas, lenços, collarinhos, suspensorios, cuecas, gravatas e cintos. Belissimos sortimentos para todos os preços.



Secção de Alfaiataria.

Grande sortimento de casemiras nacionaes e estrangeiras, palm - beach, brins de linho, brancos e cores, gabardines para ternos e capas, seda para colletes e muitos outros artigos.

Exposição permanente

Rua Tiradentes n.º 10

ELIAS PAULO

Endereço telegraphico: E. C. P.

Fazendas por atacado.

Artigos da melhor qualidade

PELOS MAIS BAIXOS PREÇOS

Rua João Pinto n.º 8

FLORIANOPOLIS
STA. CATHRINA

Alfaiataria Pereira

— DE —

VIEIRA & PEREIRA

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO N.º 8

(Estabelecimento de 1.ª ordem)

Acaba de receber um bellissimo «stock» de fazendas proprias para a estação.

Elegancia no corte e

confeccção ao rigord da moda

Visitem-na e certifiquem-se

GONÇALVES DIAS

A' distincta Senhorita Maura de Senna Pereira, — homenagem ao seu talento

O' mar bramante, ó mar cruél,
Nas tuas ondas ululantes,—
Gritos de dôr, ais soluçantes
De corações agonizantes
Andam de encontro, ó mar revél!

Mar assassino e tormentoso,
Todas as tuas calmarias,
O brilho vão das ardências
Destas immensas aguas frias,
São mentirosos, mar iroso!

Em tuas praias, mar, tão quiétas,
Em noites calmas de luar,
As tuas vagas vão deixar
Na fina areia a scintillar
Canções doridas de poétas!

Mar inclemente, eu já te odeio,
Porque roubaste as symphonias
Da triste lyra de agonias
Do genial Gonçalves Dias,
Que, morto, dorme hoje em teu seio!

Porque roubaste, mar traidor,
A vida a quem pensou jamais
Voltar á Patria e os sabiás
Ouvir cantar, envolto em ais
Tanto queria, anciando amôr?

O' vasto oceano do soffrer!
Porque, ó mar, de uma palmeira,
Plantada em terra brasileira,
Em doce sombra tão fagueira,
Não o deixaste então morrer?

Perdão, ò mar! Foi o destino
Que rude golpe desfechou
E a sua vida arrebatou
Para o teu seio que elle amou
E consagrou n'um grande hymno!

A vida é cheia de ironias,
Cheia de magua e desventura!
O' mar immenso-Sepultura
Que os ossos guardas com ternura
Do genial Gonçalves Dias!

JULHO, 29, 1925.

NICOLAU NAHAS

(Do C. C. de Letras)

A vida do soldado de folga

Quem vir o soldado, risonho e satisfeito, perambular alegre e calmamente pelas ruas da cidade, com a farda bem ajustada ao corpo, sapatos engraxados e perneiras a brilhar á luz do dia, não pode avaliar a vida atropelada, trabalhosa e apertada que leva na caserna.

E' que elle, por uma questão de capricho ou por outra, conscio do verdadeiro papel que deve desempenhar junto á patria e no seio da sociedade em que vive, isto é, convicto de que deve ser superior á fadiga do corpo, ás intemperies da vida é té mesmo ao tempo, não deixa transparecer no semblante o que n'alma lhe vae. E faz muito bem! O soldado é, e, té mesmo, deve ser forte. Si se elle acobardar em face do papel que deve desempenhar na caserna, quem zelará, então, pela manutenção da ordem do paiz, em tempo de paz, e da sua defesa no caso de perigo?

Ninguem! Só mesmo o soldado que, revestido da singeleza de sua farda, representa uma parcella da alma da nação, pode avaliar quanto custa merecer dignamente este nome bemquisto pela patria e por todos aquelles que a amam. Não raro, ao passar um estoico servidor da nação, ouvimos de algum, alheio á vida da caserna. "Que vidão leva este "bicho"! Não trabalha no pesado, anda sempre bem vestido e passeia quando quer!" Que illusão!! Quando ouvimos da bocca dum soldado "hoje estou de folga", julgamos que esta "folga", pronunciada com a maxima naturalidade e no meio da mais cordial alegria, significa descanso, inacção, falta de serviço. Qual o que!! Folga, nos dicionarios da caserna, quer dizer pouco descanso, muita actividade, bastante trabalho. E trabalho, então, o que significará? Tudo isto multiplicado por oito ou tomado oito vezes por parcella, dentro do curto espaço de 24 horas. Sinão, vejamos! O soldado está de folga, isto é, o nome delie não consta na escala do serviço. Entremos de mansinho na caserna, para não lhe despertar a attenção e sigamo-lo, passo a passo, da hora do repouso á hora do despertar e desta a'quella.

Estendido sobre um fôfo leito, devidamente agasalhado, dorme como um justo.

Silencio sepulcral reina em todo o alojamento, Somentemente o plantão, com os olhos vermelhos de somno, palpebras semi-cerradas, a bocejar de quando em quando, quebra, com seus passos cadenciados, num vai-vem continuo, a monotonia do dormitorio onde jazem os seus collegas entregues a Morpheu. Lã fóra o gallo canta pela segunda vez.

E o soldado ronca, ronca a bom roncar. Está no melhor do somno e, talvez, a sonhar com os seus amores, quando um estridente toque de clarim, ferindo-lhe successivamente martello, estribo, bigorna e tympano, fa-lo despertar aos primeiros albores da madrugada, embora ainda o gallo não tenha cantado pela terceira vez. Estremunhando, fita o relógio do alojamento e balbucia baixinho: "caramba! dez p'ras quatro!" Não tem mais para onde appellar, pois, o corneteiro já deu o toque d'alvorada.

Sacode cobertor e lençol de cima de si e começa a vestir-se, meio acordado, meio dormindo. Levanta-se, enfim, meio tonto de somno, vae á ba-

cia, lava o rosto e, quinze minutos após, está em fórma para o café! Bebe-o sofregamente; e, si o achar ruim, ou amargo, ou o quer que o seja, sorve-o mesmo assim, ou deixa-o intacto sem fazer reclamação; pois, si o fizer, pode dar com os ossos no xadrez. Acabado o café, ei-lo correndo, saltando, marchando, gesticulando, em summa, fazendo mil sortes de exercicios, muitas vezes contra a vontade. Bate dez horas.

Vemo-lo voltar ao alojamento, prostrado pela fadiga, exaustão, com os membros lassos e as pernas bambas.

Descança um pouco e, após alguns minutos, ei-lo, de novo, no refeitório, mastigando com vontade um succolento almoço, que lhe deve restaurar as forças. Acabado este, dá umas voltinhas pela praça, sem afastar-se muito do quartel, porque ao meio dia, hora do expediente, deve voltar a elle. E' por esta occasião que o vemos aparentando tranquillidade, simulando alegria e dando ao rosto uma expressão de jubilo, que não condiz com o que lhe vae n'alma. O soldado é um forte, um estoico, um heroe!

Soa meio dia; começa o expediente. Eil-o, de volta, no quartel.

Mal entra na companhia, diz-lhe, um sargento: "Vem cá soldado; váe depressa, com a carroça do batalhão buscar umas encomendas que chegaram hoje pelo Ita. Olha bem! um pé cá outro lá; si faltares á instrucção estás preso." O soldado, cumpridor e conhecedor do seu dever, vendo que esta ordem não vae de encontro ás disposições do regulamento, executa-a sem pestanejar.

Como o capote lhe embaraça o movimento dos braços, ou lhe causa muito calor, tira-o fóra e joga-o na carroça; porém, na ida precipitada perdido. De volta á caserna, dá parte do occorrido e ouve, boquiaberto, que caira no artigo 420 e por isto, além de descontar o que perdeu, tem de soffrer uma pena disciplinar.

Mas, enquanto a parte official segue o seu curso, elle cae no exercicio exaustivo e, ao mesmo tempo, imprescindivel, até ás cinco horas da tarde. Fimdo este, descança um pouco e fórma para o jantar.

Passados momentos, ei-lo novamente no alojamento, de barriga cheia. Ah!, remove, a mandado, uma mala pr'ali; uma cama pr'aquí, enfim, faz algum serviço de pouca monta; e, neste meio tempo a corneta dá o toque de «Ordem». Entra em forma, ouve a leitura do Boletim e, só então, consegue transpor os umbraes do quartel e vae dar o seu passeio, com tal naturalidade que não deixa transparecer nem vestígios do trabalho q e teve durante o dia.

A's sete, está de volta para a Escola Regimental e estuda ou, pelo menos, ouve as explicações do professor até as 8 e meia.

Nove horas, soa o toque da revista e elle fórma pela ultima vez, responde á chamada e, só então, depois desta, consegue estender-se a fio comprido no suspirado leito. Si tiver vontade de conversar um pouco, deve fazel-o quanto antes, pois ás dez horas, o implacavel clarim, com uma pontualidade unica, fere os ares com o toque de silencio, obrigando-o a calar-se, mesmo contra a vontade. Dorme. E quando julga que tem outro tanto para repousar o corpo, ouve o inexoravel toque de alvorada, que o lança fóra da cama para recommear a mesma lida do dia anterior.

Eis a vida «folgada» que leva o soldado quando está de folga.

Imaginem, agora, *quando estiver de serviço.*

Salve! soldado, symbolo do trabalho e da obediencia, personificação do patriotismo e guarda fiel da patria!

Cumpre o teu dever, permanece firme no teu posto, supporta com resignação os contra-tempos da tua vida, porque é contigo que a Patria conta, é em tí que ella confia, é pelo teu intermedio que ella vive!!

Em 15/8/25.

A. G. Jardim

(Do Centro C. de Letras)



Elegia do anoitecer

(N'um album.)

E' tão triste quando anoitece
em minha terra!
Tudo adormece.
A natureza toda encerra
a sua melancholia,
e chora, n'um choro de agonia.

As arvores, que de dia tão
suaves
eram, tornam-se graves,
doloridas,
parecendo que lhes vae faltando
a *Vida!*

...Ficam chorando
as suas esperanças
já perdidas...

A noite vem vindo lentamente
coroadada de estrellas
a brilhar...
e as arvores, coitadas, aquellas
pobres arvores,
com a alma amargurada
de soffrer,
com seus galhos n'um lento
movimento,
ficam chorando o triste
anoitecer,
pela triste e maguada
voz do vento...

Florianopolis—925

I. R. Barbosa

Aquela mulher...

Para a minha noíva.

Mario Brenet estava agitado nas suas divagações.

De onde em onde sorvia demoradamente o licôr amarelo-escuro.

Um frescôr embriagante vinha do grande lago tranquilo e espelhado. E eu observava com admiração o profundo silencio do meu amigo.

Quantos enredos misteriosos não andavam a percorrer o seu cerebro ?!

A «terrasse» em que estavamos, debruçava-se nas aguas lampejantes. E a harmonia deslumbradora da natureza, pela noite a dentro, fascinava a minha alma de romantico.

Uma agúda curiosidade invadiu o meu ser insaciavel de novidades mundanas.

Mario Brenet viu o que ia em mim e falou, como num sonho:

—Aquela mulher que encontrei uma vez no «Bo's», gravou-se no meu intimo.

Vejo-a divina. E quando estou, como agora, isolado da vida, com as palpebras cerradas, nesta calma sem fim, sinto-a acariciando e meu rosto; sinto a maciez de suas mãos...

Penso em rete-la, num arrebatamento de alegria, mas a visão desaparece e fico aterrado, inérte, nas minhas ilusões.

Doído que sou!

Nestas noites silenciosas de estrellas, um arrepio suave corre pelo meu corpo, quando as minhas retinas invade a figura daquela mulher...

Que feliz me sentiria se pudesse desvendar o seu passado! E que prazer imenso se soubesse o seu nome!

Fito aqueles olhos e êles não me fitam...

Quero me aproximar, mas os meus membros paralizam-se...

Desejo gritar-lhe a minha fascinação, mas os meus labios silenciam...

E ela vai passando, leve como uma pluma, branca como a neve, a andar como um galgo esguio, exuberante, deixando-me estonteado na sua beleza... E fica depois no ar, á sua passagem, um perfume de violetas, que inunda toda a atmosphera e faz que o céu se torne mais iluminado, mais limpo.

Aquela mulher...

E o meu amigo, sorvendo o licor amarelo-escuro, lentamente,— entrou outra vez em longo mutismo.

E eu respeitei a dôr profunda que via sentir aquele dominado por uma paixão ardente, eterna...

O frescor embriagante que vinha do grande lago tranquilo e espelhado, batia-me em cheio sobre o peito e a harmonia deslumbradora da natureza, pela noite a dentro, estasiava a minha alma de romantico.

8-925.

Antonio Sbissa.

(Do Centro Catharinense de Letras).

MOCIDADE

Na mais bella estação da vida, quando
Acorda á seiva a voz do sentimento,
Foi-se-me aos poucos n'alma insinuando
Esse vago anhelar, esse tormento...

Peguei na lyra e o coração vîbrando,
Bem como os leques da palmeira ao vento,
As graças da mulher andei cantando,
Ao capricho do vario pensamento...

Os lindos olhos de uma; o timbre de ouro
De uma voz que nos ares se derrama
E direis, de archanjo, sem desdouro...

Tudo que um peito adolescente inflamma,
E não vale o mirifico thesouro
Do casto coração da que nos ama.

Garcia Rosa.

SONHAR.

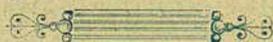
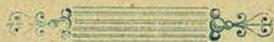
Razão! por mais que tu, mofando, rias
Da loucura sem par dos meus castellos,
Vale mais do que as tuas zombarias
A alegria immortal de concebêl-os.

Em pensamentos vãos e em vãs porfias
De amor, sempre conforme aos meus anhelos
Vão-se-me os dissabores, vão-se os dias,
Desabrocham-me n'alma os sonhos bellos.

Quem sonha, cria um mundo a seu talante..
Gele-me o peito a duvida exhaustiva
Ou ruja torva a colera espumante,

Salva-me o sonho e o espirito me aviva,
Como se anima o tropego viandante
Ao fulgor da miragem fugitiva.

Garcia Rosa.



A UM CÔRAÇÃO

No album da senhorita Maria Bastilha Bosco

Vae, Coração! Como o Judeu Errante
Caminharás perdido pela vida,
Longe da Paz e do Amôr distante,
Sem nunca achar a sombra appetecida!

Caminharás perdidamente... Em vão
Verás luzir a estrella da Esperança:
Tentarás agarral-a, e ella, então.
Ao sentir-te bem perto, logo avança...

Talvez tu póssas descansar um dia
E encontres afinal algum conforto
Dentro da terra immensamente fria!

Da terra, sim, que é surda, mas é bôa,
Que nunca á cóva rejeitou um morto
Que cõbre aos bons e aos máos e lhes perdôa!

Nicolau Nahas

Agosto 925.

MEU PAE.

Aos meus irmãos.

Se eu pudésse, meu pae, ah, se eu pudésse
Ouvir contente a tua vóz agóra;
Se a mim fallar teu espirito quizesse,
Minh'alma exultaria, se hoje chóra!

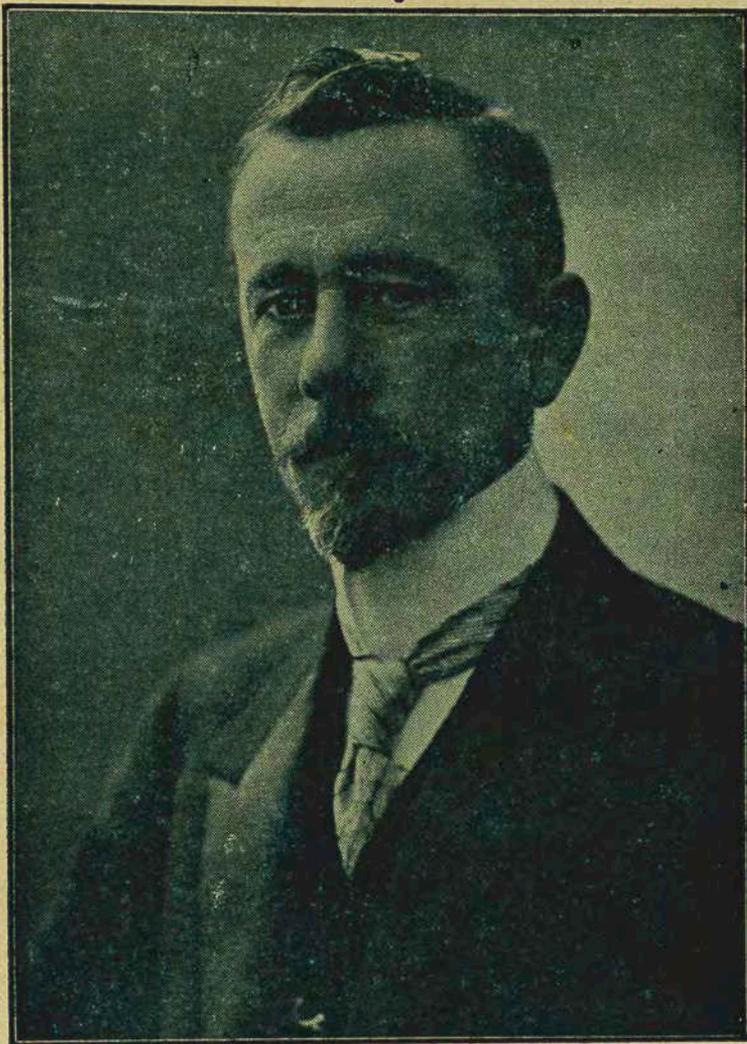
Se eu pudésse te ouvir, tú me dirias,
Tú me dirias, sim, desafogado,
Que o Mundo te foi máo, que as agonias
Da Vida má deixaram-te prostrado!

Nunca soubeste fazer mal a alguém,
E se no Mundo só fizeste o bem
Só viste o mal brotar no sólo adusto ...

Nunca de alheios bens lançaste a mão ...
Morreste pobre, mas na convicção
De que viveste honrado e como um justo!

29-10-924

Nicolau Nahas.

Dr. Lauro Müller

A nossa revista tem a honra de estampar o clichê do illustre filho de Santa Catharina, Dr. Lauro Severiano Müller, um dos mais completos estadistas da Republica.

A colera do transeunte e a formiguinha preta

—Meu amigo, que é isso?
—Aquelle malvado quer roubar o pão de meus filhos. Mau!... grosseiro!... Biltre!... Não se lembra dos tempos de escola primaria e do gymnasio onde fomos collegas e amigos.
— Pouco mais velho do que elle, protegia-o contra a perseguição e a affronta dos veteranos. Auxiliei-o sempre nos exames.
Fui seu repetidor de mathematica.
Mas, elle avançou. Eu fiquei chumbado á obscuridade, mercê da minha irremediavel contingencia de pobre.
Elle bacharelou-se. Eu encerrei meu destino nos modestos horizontes da burocracia.
Feito Ministro de Estado, fingiu que me não conhecia. E agora, para me castigar de uma attitudde politica, ameaçou-me de demissão!
Desaforado e ingrato! Querer tirar-me o pão do

lar! Não sei onde estou que não cometto uma violencia !

—Acalma-te, amigo. A cobra tem imprudencias.

Vem cá.

Estás vendo essas formiguinhas pretas, tessendo-se na rugosidade da terra ?

Um homem genioso, talvez neurasthenico, aqui esteve ha pouco. Dominado de raiva, tropeçou, e caiu bem neste ponto. Ficou meio tonto.

Quando se refez, ao abrir os olhos, viu sobre as mãos um enxame de formiguinhas pretas !

Porque as viu !.

Levantou-se de um salto. Sacudiu-se. E, não contente de as haver expellido de si, em safanões do braço, revoltado contra os pobres dos animalculos, forcejou de os esmagar, sapateando—pá... pá... pá... pá... pá... pá... — com furor no chão e esbravejando:

—Toma ! maldictas !

Arre ! damnadas !

E indignadissimo, sopesou o solo dez, vinte, trinta vezes !

Só parou quando as suppoz totalmente extinctas...

Mal se afastou o transeunte encolerizado, sempre iracundo e resmunguento, abaixei-me e as procurei, as humildes formiguinhas infatigaveis.

Continuavam silenciosas, discretas, na mesma faíña, incansaveis, como numa perpetua occupação, indo e vindo, subindo e descendo...

Ellas, as coitadinhas, escaparam da pata trucidante, estas occultas numa anfractuosidade, essas num buraquinho do terreno, aquelas protegidas pelo angulo da sola com o salto do sapato do monstro, umas sob a concavidade de uma concha, outras sob uma taboinha providencial...

O homem zangado passou...

Ellas ficaram sãs e salvas, reatando a tarefa habitual, calmas e activas...

Raul Gomes

(Do Centro C. de Letras)

A suprema viagem

Cera e flôres era a atmosfera da casa e havia um vae-vem constante, um zum-zum desusado, só próprios dos acontecimentos extraordinários.

Eu estava ali, na sala, morta e, em volta de mim, de quando em vez, ouvia as vozes em soluços dos meus.

Quando, sobre o meu rosto, caíam as lágrimas quentes de minha mãe, uma como que agonia me estraçalhava o peito.

No entanto, apesar de tudo, de não conseguir um movimento, eu me sentia viver.



Dr. Adolpho Konder,

esforçado representante do Estado de Santa Catharina, na Camara dos Deputados.

Quanto tempo assim estive, não o sei; ficou-me, porém, indelével na memória o instante terrível da despedida, em que, mui fracamente, como si vencessem grandes distâncias, chegavam aos meus ouvidos palavras de carinho e de dor, de humildade e de revolta.

E', então, que uma voz para mim, desconhecida, num tom brando, mas, enérgico se levantou na sala e, logo em seguida, uma treva mais densa se fez em torno de mim. Entraram a pregar caixão, e as marteladas ritmicas, que nele davam, repercutiam no meu eu, pisando-o, torturando-o, cruamente. E eu as ouvi tôdas, e, após elas, feriu-me os ouvidos um grito de angustia, de desespero, que reconheci ser de minha mãe.

Tiraram-me de casa, e, a passo cadenciado, puseram-se a caminhar, levando-me, silenciosamente, para a grande viagem, para a suprema viagem.

Minha pupilla, vencendo todos os obstáculos, pela magia poderosa da imaginação, via, assomando ás janelas, rostos, uns pálidos, outros rosados, todos, porém, transbordando curiosidade, e, numa interrogação muda, olharem o esquife que, silenciosamente, numa marcha lenta e cadenciada, seguia para lá onde tudo é nada e pó.

Depois de diversas paradas, chegamos ao cemiterio, eu o percebi pelo silencio profundo e pesado que se fez, pois, há na casa dos mortos uma voz imperativa de recolhimento.

Pousaram-me em terra, que eu julguei ser a beira da cova.

Ao ver ali o termino de tôdas as minhas illusões, fiz esforços loucos para gritar, para dizer que vivia, e... não consegui.

E eu, eu que sempre detestei a vida pelo muito de máu nela existente, diante da derrota da minha vontade, e na impossibilidade de a reter, chorei amargamente e perdidamente, chorei como ainda não fiz.

Um cheiro de terra úmida veio até mim. Compreendi: faziam a descida. Um suor frio banhou-me as faces, e, no meio daquele terror medonho, inexplicavel, acordei

Minha mãe, muito aflita, tôda carinhos, á borda do leito, indagava si eu estava doente.

E a Clara Lucia calou-se.

Um sorriso de tristeza pairava-lhe nos lábios, e o olhar, embaciado pelas lagrimas prestes a rolares, ela o tinha perdido no infinito.

Antonieta de Barros



As tres bellezas

Para o Album da Senhorita Argentina Guedes da Fonseca

Tres cousas ha na vida em tudo tão divinas,
Tão cheias de esplendor, de luz, de encanto e graça,
Que eu julgo as outras mais, infimas, pequenas'
Ante o grande fulgor que dellas sae, realça.

Ouvindo-as, pensa a gente ouvir ternas surdinas
Descidas lá do além. Accorde que perpassa,
Acalmando de prompto as magôas mais ferinas
Que torturam nossa alma e em dores a entrelaça.

E as tres resumem mais do que dizer se pode.
Pois dellas não diria um sabio se quizesse
Nem tampouco um poeta em uma eterna O'de.

A primeira tem tudo o que o ideal requer.
—Belleza, amor, deslumbre e o encanto que enobrece
—E mais que não direi.—Sabeis: E' a MULHER.

A segunda é o pharol que aclara noite e dia
E tudo ha de aclarar por toda a eternidade.
E' aurora que surge, é som de Ave-Maria,
E' canção que suavisa as dores da orphanidade.

Na vóz tem a excelsa e doce melodia,
Que eleva e que arrebatá. E' um hymno de piedade
Que consola, conforta e as dores alivia.
—E' o exemplo fiél da sã fraternidade.

Sem ella, cessa tudo o que o divino encerra.
A luz é sem fulgor, sem vida, triste e escura,
Como escura é pro cêgo as estradas da terra.

A segunda é da aurora o eterno rósicler.
E' o sôl da eterna paz, é o anjo da ventura...
O symbolo do bem, do amor, E' a MULHER.

A terceira que em si tem tudo o que é belleza,
No meu modo de ver, de todas é a mais bella.
Quando o bello eu contemplo em sua realza,
Esse bello já sei, pois não é outro—E' ella.

Para o bem da sua alma onde só ha grandeza,
O soffredor da vida esperançoso appella,
Como o naufrago triste ao Deus da Natureza,
Astro de amor que um céu de eterno azul constella.

A terceira que é riso, encanto e que é paz, ventura,
Que é sol, manhã, auora e rosea madrugada,
Que é cantico da terra ao céu subindo, á altura,

De todas é a mais linda, e assim minha alma quer.
Pois de todas é a santa, a pura, e a abençoada...
A excelsa perfeição, senhores,—E' a MULHER.

Trajano Margarida